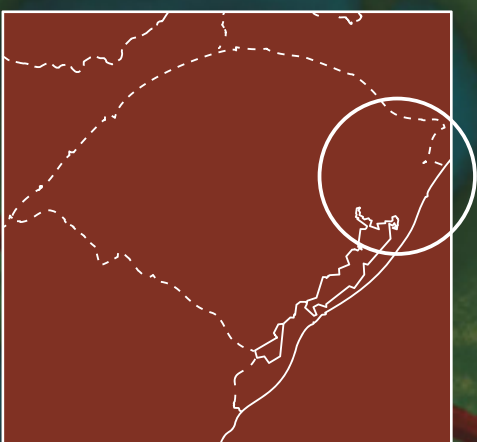
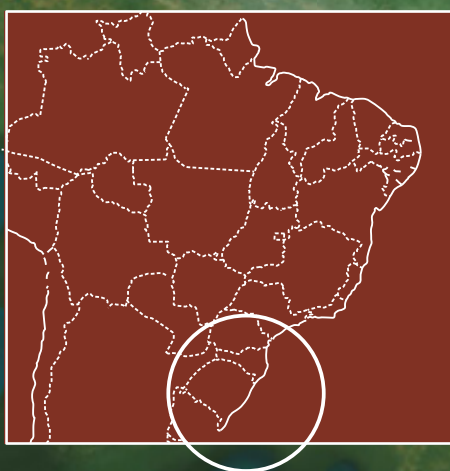


LITORAL GUARANI

territórios e caminhos do povo Mbya Guarani no Litoral Norte do RS





LITORAL GUARANI

territórios e caminhos
do povo Mbya Guarani
no Litoral Norte do RS

Secretaria de Estado da
Cultura do Rio Grande do Sul
apresenta

LITORAL GUARANI

territórios e caminhos
do povo Mbya Guarani
no Litoral Norte do RS



escrito,
ilustrado
e editado
coletivamente
em
oito aldeias



2024

Produção realizada com recursos do Governo
do Estado do Rio Grande do Sul por meio
do Pró-cultura RS FAC – Fundo de Apoio à Cultura



SUMÁRIO

Quem somos nós, Mbya Guarani, no litoral norte do RS

Nosso espaço e nosso modo de ser	9
A língua mbya guarani e a escrita	14
Por que estamos fazendo este livro	16

Tekoa YVYTY PORÃ

Aldeia do Campo Molhado - Maquiné/RS	22
--	----

Tekoa KA'AGUY PA'Û

Aldeia da Varzinha - Caraá/RS	34
-------------------------------------	----

Tekoa NHU PORÃ

Aldeia Campo Bonito - Torres/RS	44
---------------------------------------	----

Tekoa PINDOTY

Riozinho/RS	56
-------------------	----

Tekoa KUARAY RESË

Aldeia Sol Nascente - Osório/RS	64
---------------------------------------	----

Tekoa KA'AGUY PORÃ

Aldeia Mata Sagrada - Maquiné/RS	70
--	----

Tekoa GUYRA NHENDU

Aldeia Som dos Pássaros - Maquiné/RS	78
--	----

Tekoa YY RUPA

Terra de Areia/RS	98
-------------------------	----

Como este livro foi feito	106
---------------------------------	-----

Sobre o processo visual e laboratório gráfico	108
---	-----

Sobre a Aepim	110
---------------------	-----

Créditos	111
----------------	-----





QUEM SOMOS NÓS, MBYA GUARANI, NO LITORAL NORTE DO RS

NOSSO ESPAÇO E NOSSO MODO DE SER

Fazemos parte do povo indígena Mbya Guarani. Vivemos nessa região desde muito tempo antes da chegada do *jurua*¹ — como chamamos em geral as pessoas que vieram de outros continentes. Entendemos que essa terra foi o nosso próprio pai, *Nhanderu*², que nos deixou para viver. Ele foi criador das plantas, dos animais das matas, e de tudo o que existe. Chamamos a terra, na nossa língua, de *yvyrupa*³. Antigamente, para nosso povo, não existiam cercas, fronteiras e nem limites, todo lugar podia ser uma aldeia. Mas hoje não é mais assim.

O povo Guarani vive principalmente em aldeias pequenas, e a maioria delas ainda sem o devido reconhecimento como Terra Indígena, sem a demarcação, que não é nada mais que nosso direito.

1 *jurua*: não-indígena.

2 *Nhanderu*: nosso pai, Deus.

3 *yvyrupa*: nosso território.

Existem aldeias mbya em regiões da Argentina, e no Paraguai também, muitas. Até mesmo no Uruguai e na Bolívia. E por quase todo o Brasil, do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, vivemos entre nossos parentes.

Cada espaço do *yvyrupa* tem morros, serras, e lugares planos também. E tem água, banhado e areia, até mesmo tipo deserto. Tem mar. Tem região com lagoa, rio, riacho, capoeirão, mata alta com *puã*⁴ e *takuaty*⁵. Então todo esse *yvyrupa* é nosso *tekoa*⁶, é o lugar que *Nhanderu* fez para nós Guaraní vivermos nosso modo de ser.

Para viver o *mbya reko*⁷, que é o nosso modo de ser, precisa de espaço para fazer plantio, casa de reza. Cada *tekoa* tem sua característica, um espaço bom para fazer algumas coisas, que em outra aldeia às vezes não pode, por causa do clima ou por causa de vários outros motivos. Há muitos anos o povo Guaraní faz essa caminhada de uma aldeia para outra. Nossos

4 *puã*: medicina tradicional.

5 *takuaty*: taquaral ou “bambuzal” nativo.

6 *tekoa*: aldeia. lugar de nossa cultura. lugar onde podemos ser.

7 *mbya reko*: modo de ser tradicional mbya guarani.

mais velhos e mais velhas contam que na região do litoral do Rio Grande do Sul, por exemplo, há 50 anos atrás as pessoas caminhavam quatro ou cinco dias para visitar outra aldeia. Para ir pescar, por exemplo. Outra aldeia, podia ter *karai*⁸ com *opy'i*⁹, caminhava mais 4 ou 5 dias para chegar até lá. E o *mbya reko* tem isso, o povo Guaraní caminha e circula nos espaços. **O território do povo Mbya é assim.**

Depois que os *jurua kuery*¹⁰ vieram, o nosso mundo foi muito desmatado. Porque os *jurua* chegaram desse jeito: derrubando a mata, vendendo a madeira, queimando tudo, matando os animais e caçando para vender. Sem falar da violência contra nossos parentes. Hoje é muito mais difícil circular, andar entre as *tekoa* e acessar lugares e recursos importantes para o nosso povo. Tudo tem cerca. Os *jurua* cercaram quase tudo no *yvyrupa*. Hoje em dia, nós Mbya não temos muito espaço nas *tekoa* para viver o *mbya reko*.

8 *karai*: curandeiro tradicional.

9 *opy'i*: casa de reza.

10 *jurua kuery*: várias pessoas não-indígenas.

O nosso território tradicional não tem fronteiras, não tem as linhas nos mapas igual dos *jurua*. Mas a gente precisa usar esse conhecimento e essas palavras.

Aqui no Rio Grande do Sul, em 2024, existem mais ou menos 60 aldeias guarani. Cada uma tem sua liberdade, o seu jeito. Na região do litoral norte, gira em torno de dez comunidades. Já houve muito mais, mas de muitos lugares fomos expulsos ou saímos para evitar conflito com os *jurua*. Estamos na região do litoral norte do Rio Grande do Sul há muito tempo, muito antes da chegada dos não-indígenas.

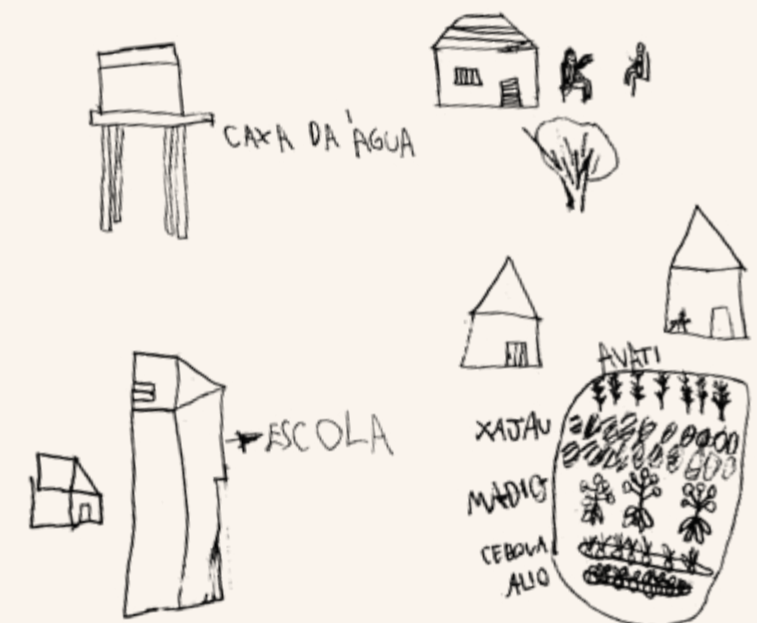
Este território sempre foi cuidado por nós, **sempre foi criativo** e é muito importante para nós. Então, cada uma das *tekoa*, apesar de não ter todos os recursos naturais, podemos falar que juntas temos quase tudo. Mas não em uma *tekoa* só. Uma tem nascente de água pura, outra tem erva-mate¹¹, outra

11 erva-mate: espécie de árvore nativa *Ilex paraguariensis*.



tem *kokue*¹², semente, outra tem *puã*. Quem quer pescar vai na *Tekoa Ka'aguy Porã*. Quem quer vender artesanato vai mais para perto da praia, na *Tekoa Yy Rupa*, em Terra de Areia, para a aldeia de Osório, ou para Torres também. **E assim nós estamos vivendo.**

12 *kokue*: roça.



A LÍNGUA MBYA GUARANI E A ESCRITA DESSE LIVRO

A língua Mbya é de tradição oral, não tem o costume de ser escrita. Pertence à família linguística Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi. A ortografia —ou ortografias — guarani busca padrões, mas pode haver bastante variação de uma aldeia ou região para outra, ou até mesmo entre quem ensina.

É comum, como pessoas bilíngues, que nos momentos de fala, sejam misturadas as línguas Guarani e Português. Isso foi respeitado nas transcrições das falas que estão neste livro. Para facilitar a leitura, as palavras em Guarani foram destacadas em itálico e traduzidas em notas de rodapé no fim da página.

Nas notas de rodapé também foram descritos os nomes científicos das plantas e animais citados em Guarani e em Português pelos indígenas, para facilitar o conhecimento do meio ambiente. Junto aos nomes estão algumas características das plantas, como por exemplo, se elas são nativas ou não-nativas do estado do Rio Grande do Sul.

Para a correta leitura das palavras em Guarani, há de se considerar que, no geral, as palavras são oxítonas, ou seja, a última sílaba é a mais forte. Portanto, neste trabalho, estão acentuadas apenas as palavras que não são oxítonas.

Quando se refere às pessoas Mbya Guarani, o substantivo está em maiúscula. E, quando está com sentido de adjetivo, “guarani” está com letra minúscula. Por exemplo: “o desenho mostra os Guarani e sua cultura”, ou “o desenho mostra os costumes guarani e sua gente”.



POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTE LIVRO

Decidimos fazer esse livro para apresentar a continuidade do nosso trabalho tradicional e criativo indígena na região do litoral norte do RS. A gente sofre muito preconceito quando vai pegar ônibus, quando vai no mercado e quando anda fora das nossas *tekoa*¹. Por isso a gente decidiu fazer esse livro, para mostrar para os *jurua*² onde a gente vive, como é o nosso território e como a gente vive. E também para lembrar os *jurua*, porque às vezes parece que esqueceram, que nós somos Guarani, que estávamos antes nesta terra.

Quando vamos na cidade, no mercado, os *jurua* não querem nem chegar perto dos Mbya se tem terra na nossa roupa. Se os Guarani não botam gel no cabelo e andam com cheiro de fumaça, os *jurua* acham que é sujeira. E quando a gente vai com roupa bonita falam que o indígena não é mais indígena. A gente não sabe mais de que forma podemos lidar com

1 *tekoa*: aldeia.

2 *jurua*: não-indígena.

o *jurua kuery*³. Se os Mbya andarem sem roupa dentro da própria casa que é a nossa aldeia, vão dizer que são sem-vergonha.

As mulheres guarani precisam muito ir para a cidade vender o artesanato. O artesanato é nossa principal fonte de renda. Nós aprendemos a fazer com nossos mais velhos e mais velhas. E dá muito trabalho. Colher material, cortar madeira por madeira. Furar cada semente. E os *jurua* não entendem isso. Sempre acham que estamos cobrando muito caro. E ainda falam mal, tem muito preconceito com as crianças e as mulheres que vão para a cidade trabalhar.

As novas gerações dos não-indígenas vão olhar melhor o nosso povo e saber que não somos inimigos de ninguém. Por isso a gente está fazendo esse livro. Muitos *jurua* falam que o *mbya kuery* quer tomar tudo que eles têm, mas não é isso que a gente precisa. **Nós queremos que o nosso espaço e nosso modo de vida sejam reconhecidos pelo *jurua kuery*.**

3 *jurua kuery*: pessoas não-indígenas.

Dali, do espaço dos Mbya, o *mbya kuery*⁴ tem que poder ficar ali se quiser, e não precisar ir para cidade, “invadir” a cidade porque não tem espaço. O espaço que os Mbya precisam é onde tem água limpa e floresta. Os *jurua* não enxergam isso. Eles querem levar os indígenas para a beira da estrada. E ainda falam que os índios não querem mais viver na mata. Mas quando a gente tá dentro da mata a gente é expulso.

Tem muitos anos que os caciques e lideranças vêm contando a história e os *jurua* não acreditam. O Campo Molhado, *Tekoa Yvyty Porã*, é onde muitos de nós aqui nascemos e crescemos. Lá a gente conheceu cavalo e gado, conhecemos o jeito que os *jurua* viviam. Era tudo campo naquela época. Hoje em dia tem muito quati, ouriço, lobo do mato, tatu, nambu. A mata cresceu muito desde que *Mbya kuery* estão cuidando daquela terra. Muitos *jurua* não vão acreditar nisso. E por isso o mapa também é bem importante, porque os *jurua* só acreditam vendo a imagem, esse

4 *mbya kuery*: coletivo de pessoas mbya.



é o *jurua reko*⁵. Lá no Campo Molhado os Mbya estão preservando a vida. Através da preservação da mata e das sementes.

Por isso que a gente decidiu fazer um mapa de cada aldeia. Fizemos os mapas junto com os caciques, mas também junto com as crianças e as professoras e

5 *jurua reko*: modo de ser dos não-indígenas.

professores das escolas. A gente conhece bem nossas aldeias. Cada cacique, cada jovem e cada criança conhece bem a sua aldeia. Nós Mbya Guarani trabalhamos muito em todas as estações, para plantar mudas de árvores, para plantar nossas roças, para construir nossas casas e para cuidar das nossas crianças, o futuro da nossa cultura.

Os mapas que a gente fez são como uma foto de agora, porque a gente sabe que tudo pode mudar de um ano para outro. As nossas roças mudam de lugar. Porque é assim que a gente vive. Algumas famílias de outra aldeia se mudam de lá para cá. Outras famílias vão embora para outras aldeias. Até as nossas casas a gente muda de lugar de vez em quando. Então, foi assim que foram feitos os mapas, para mostrar como que tá agora, hoje, nossas aldeias, mas a gente sabe da continuidade da nossa caminhada. **A gente sabe que o mapa das coisas muda com o tempo.**

No mapa a gente mostra muitas coisas naturais que são importantes nas nossas aldeias. Mas ainda não é tudo que a gente precisa. Porque hoje em dia é diferente. Hoje em dia precisa ir na escola. Precisa ter assistência de saúde, até ir no hospital às vezes precisa. A gente precisa de ajuda com trator para lavrar nossa



terra também. Precisamos fazer muitas coisas que não são originárias da nossa cultura mesmo. E as terras também já não permitem produzir alimentação para o ano inteiro. Então por isso precisamos de muita ajuda do *jurua kuery*, de todos os governos e prefeituras onde estão as aldeias.

Fizemos esse livro para mostrar as aldeias, como é o nosso trabalho, as coisas e os alimentos que a gente produz, ao mesmo tempo que protege a natureza.

Mostrar que estamos reflorestando nossas aldeias. Mostrar como a gente precisa de apoio dos *jurua* para poder continuar nossos trabalhos.



Rios



Caminhos

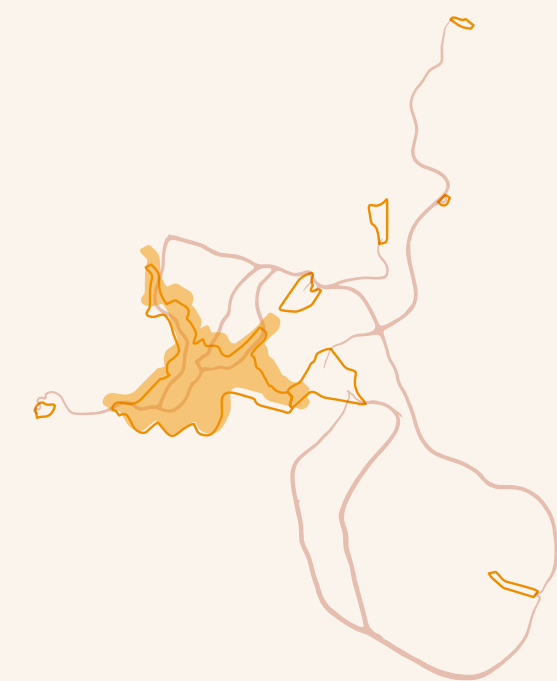


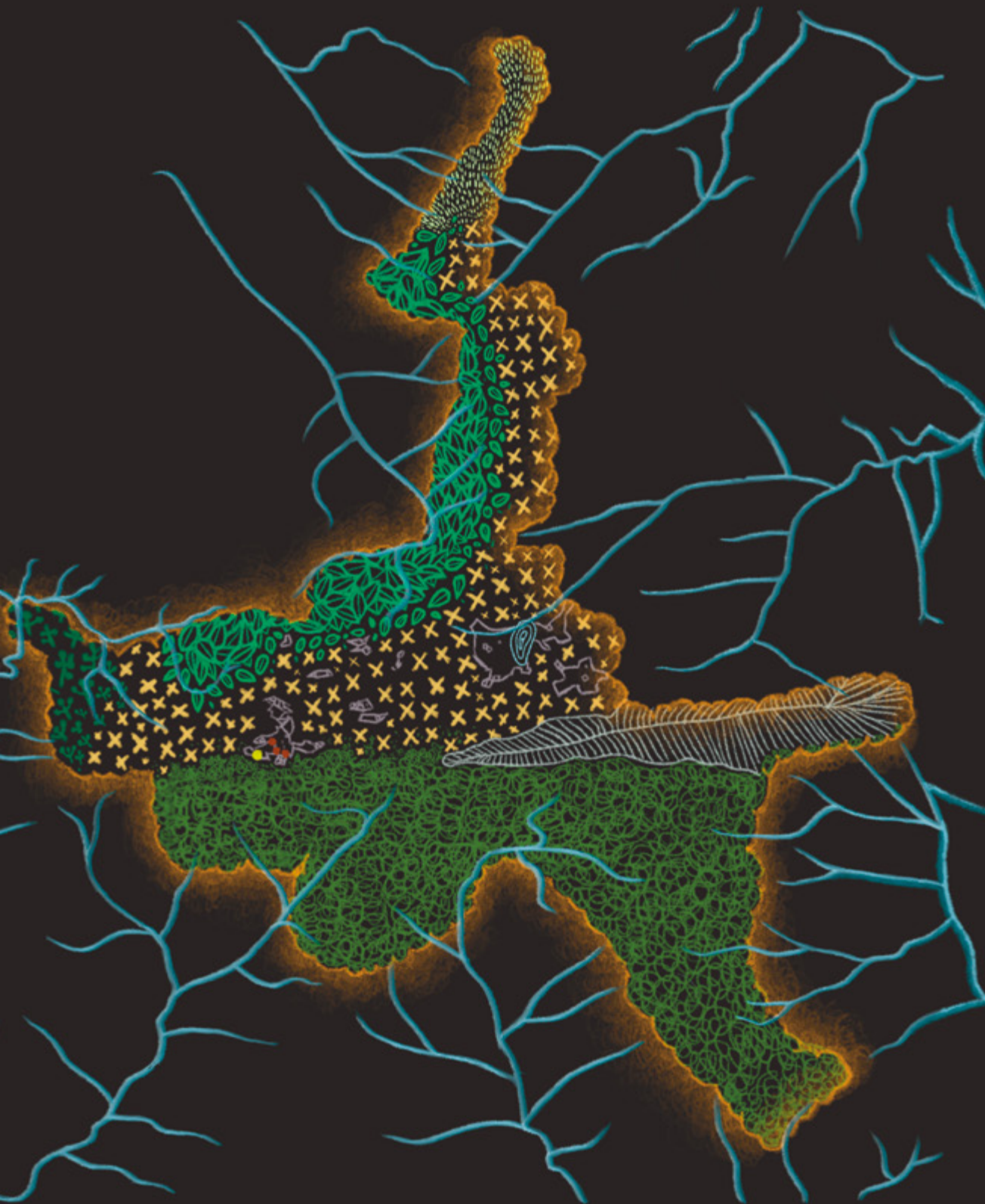
Limite da Área



Tekoa YVYTY PORÃ

Aldeia do Campo Molhado
Maquiné/RS





Rios		Itaty		Kurity	
Limite da Área		Ka'aguy Ete		Nhuundy	
Kokue		Ka'aty			
Oká		Yupa			
Ka'aguy		Yvy Anguy			

PRIMEIRO, SOBRE A HISTÓRIA DA NOSSA ALDEIA

Foi em 1923, os primeiros *jurua*¹ entraram aqui para cortar o xaxim². Diz que vendiam para outros países naquele tempo. Diz que faziam vasos para botar flores. Isso que fizeram bastante. O xaxim de agora não é o de antigamente, já é tudo novo. Porque os *jurua* cortavam muito e vendiam para outros países. Então essa trilha que passa aqui no Maquiné tem mais de 100 anos. Muito antigo. Primeiro os *jurua* não tinham carro, não tinham nada né. Só andavam de cavalo, para ir em Maquiné, Riozinho, Rolante, Taquara, vender as coisas. 100

1 *jurua*: não-indígena.

2 xaxim: espécie de samambaia arborescente nativa, *Dicksonia sellowiana*.

anos atrás os *jurua* também sofriam muito. Agora já não sofrem porque cada um já tem carro e tem um monte de coisas. Então, primeiro, para fazer algum trabalho e para fazer dinheiro eles tiraram as coisas da natureza.

Foi assim que começou a história dos *jurua*. Por essa região o dinheiro era o xaxim. Vendiam muito caro para outro país. Então é como erva-mate³, é um dinheiro muito antigo.

Eles cortavam bastante erva-mate, às vezes vinham três ou quatro caminhões para levar erva-mate. Tiravam madeira. Primeiro era madeira que tiravam. Araucária⁴ também não tem mais como antigamente, agora é tudo novo. Então essa coisa que estamos pensando agora sobre as terras demarcadas. Chega de mexer os *jurua*! Nos deixem em paz! Deixem a Terra em paz! Porque muito dinheiro fizeram tirando a natureza daqui. Hoje é demarcada e aqui é aldeia.

3 erva-mate: espécie de árvore nativa, *Ilex paraguariensis*.

4 Araucária: espécie de pinheiro brasileiro, *Araucaria angustifolia*.

Dizem que as terras em Maquiné, na Barra do Ouro, os *jurua kuery*⁵ de toda a parte entraram lá para cortar muita coisa, e tiraram muito dinheiro. Como se fosse ouro, vamos dizer. Cada um pega aqui do Brasil milhões, só criam riqueza por essa parte. Para outros países também levaram dinheiro, só que é a natureza. Alguns *jurua* entram nas terras indígenas, pegam algo de valor e voltam para suas cidades para fazer riqueza. Por isso que agora essa nossa aldeia ficou muito pobre. Está pobre agora. Antes era de riqueza, agora nós temos apenas água de riqueza. Só essa coisa de nossa água que não queremos perder. Queríamos garantir e essa coisa o governo tem que reconhecer. Por que ele botou a placa? Por que ele botou o marco federal? Tem que respeitar isso, os *jurua*. É para todos os parentes que pensamos isso. Por exemplo, agora tem criança que daqui a pouco vai crescer. Tem de 2 anos, 5 anos, 10 anos. Então para isso mesmo que estamos segurando essa terra. Aqui é para todo mundo, está livre para nossos parentes. Tem artesão, artesã,

5 *jurua kuery*: pessoas não-indígenas.



então aqui tem taquara para fazer a casa para quem precisa.

A gente sofreu muito pela demarcação dessa terra. O Zaffari e os capangas vieram aqui com muitas armas para tirar os índios. Como conta nosso avô José Verá:

— Eu falei para o meu parente naquela vez, tinha mulher chorando com criança, porque tinha muito medo de arma. Aí eu passei a frente de todos. Eu falei para os *jurua*: eu vou morrer. **Pode me matar, mas essa terra fica para os meus parentes! Com arma apontada. Eu não tinha medo dos *jurua* naquele tempo.**

Falei assim para os *jurua*: podem me matar, eu posso morrer, mas a terra fica para os meus parentes. Aí os *jurua* baixaram a arma.

Os índios ficaram dois, três dias, uma semana sem comer, escondidos no mato, com medo de sair de novo. Tudo isso acontece. Todo mundo espalhado. Correndo. Alguns foram pro lado do Pinheiro, outros pro lado da Gruta. Com suas crianças, e só isso, mais nada. Eles queimaram todas as nossas casas, até a casa tradicional, não sobrou nada dos Guarani aqui. Correu já correu né, foi embora. Só aí que entrou a Polícia Federal, a Funai⁶ pediu para vir o policial. Então aqui na lagoa tinha um galpão grande e uma casa também tem. E lá chegaram.

⁶ Funai: Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

Foi o federal que botou toda a gasolina na casa dos *jurua*. Queimou tudo também. Daí que conseguimos demarcar essa área só no ano de 1992.

AGORA, SOBRE O NOSSO MAPA

Aqui, é *ka'aguy ete*⁷ nessa aldeia. Aqui temos espalhado as medicinas, armadilhas, outras plantas boas para muitas coisas. Acho que toda a área tem erva-mate. Por tudo tem!

Antigamente aqui os *jurua*⁸ cercavam vaca. Tinha uma parte que era um potreiro, vamos dizer. Ainda tem a parte do *nhundy*⁹, que é onde é mais limpo. Nessa parte o *ka'aguy* não cresce muito porque tem muita pedra embaixo.

7 *ka'aguy ete*: mata verdadeira.

8 *jurua*: não-indígena.

9 *nhundy*: campo.

A parte do *kuri'y ty*¹⁰ é onde o Zaffari roubou muita araucária¹¹. Hoje para nós é uma área de proteção dessa árvore, que é muito importante para nós. É de onde a gente tira o pinhão todo ano.

Essa parte que tem o mato mais alto, mais antigo é porque é uma parte que os *jurua* não conseguem chegar, então não tem como tirar. A natureza se ajustou ali para se proteger dos *jurua*.

Hoje em dia a gente precisa de *pira pira*¹². Então a gente vende um pouco de pinhão. E a gente seca e pila a erva-mate¹³ natural para vender também. Antes a gente não vendia essas coisas. Mas hoje em dia a gente precisa. Nós só fazíamos para nós mesmos, assim, bem pouquinho. Já começamos a fazer. Só que agora nós fazemos para vender pros *jurua*. Naquela época não, só para os próprios Guaraní mesmo que nós fazíamos.

Jurua kuery mataram muito os bichos do mato. Isso é verdade. Os *jurua* não entram assim

10 *kuri'y ty*: pinheiral, agrupamento do *kuri'y* (*Araucaria angustifolia*).

11 araucária: espécie de pinheiro brasileiro, *Araucaria angustifolia*.

12 *pira pira*: dinheiro, ao pé letra traduz-se 'pele de peixe'.

13 erva-mate: espécie de árvore nativa, *Ilex paraguariensis*.

dentro da aldeia, não pode, mas fora da aldeia sim que ele mata. Porque o bichinho fica por tudo né, não fica só aqui dentro. A mata é só para ele. Daí os *jurua* se aproveitaram deles. Mataram muitos bichinhos.

Sobre a questão da água, isso que sempre falamos para os *jurua*. Aqui nós estamos sempre nós Guarani, ninguém sabe. Aqui não é cidade grande. Mas quem mora em Riozinho, na Barra do Ouro, Maquiné e Caraá vai tomar água limpa, e que nasce aqui nessa aldeia.

Por sorte o Guarani está aqui, está reservando água. A água que tá aqui é a mesma que tá nessas lavouras da cidade, é a água que nasce aqui, né?

Ela nasce aqui e corre aqui para baixo, talvez por isso que o mato daqui é mais alto. E por isso que as lavouras estão boas aqui, porque a água nasce aqui e quem tá aqui é o *Guarani*. Essa é a história, esse é o caminho da água!

Então por aqui a gente precisa mesmo que os *jurua* apoiem mais a gente. E que venham aqui conhecer a aldeia. E comprar nosso artesanato, valorizar o nosso trabalho.



Tekoa Yvyty Porã

Nomes em português:	Terra Indígena Guarani Barra do Ouro, Campo Molhado, Mangueira de Pedra, Serra Bonita.
Município:	Maquiné/RS
Área:	2.268,60 hectares
Ano de homologação:	2001
Situação fundiária:	Terra Indígena regularizada



Rios



Caminhos

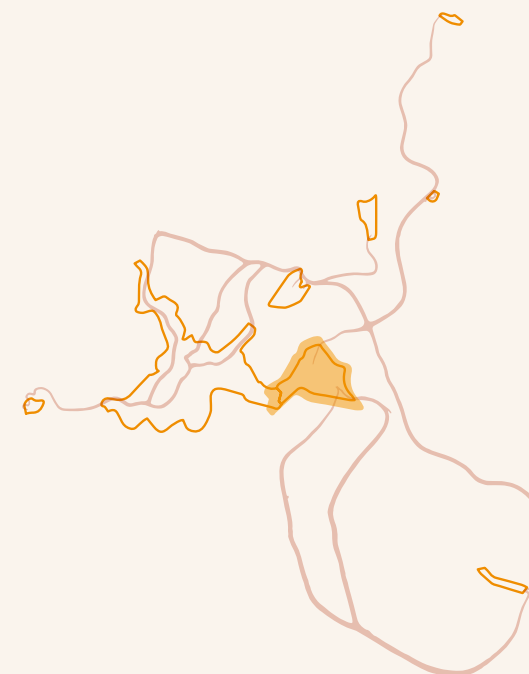


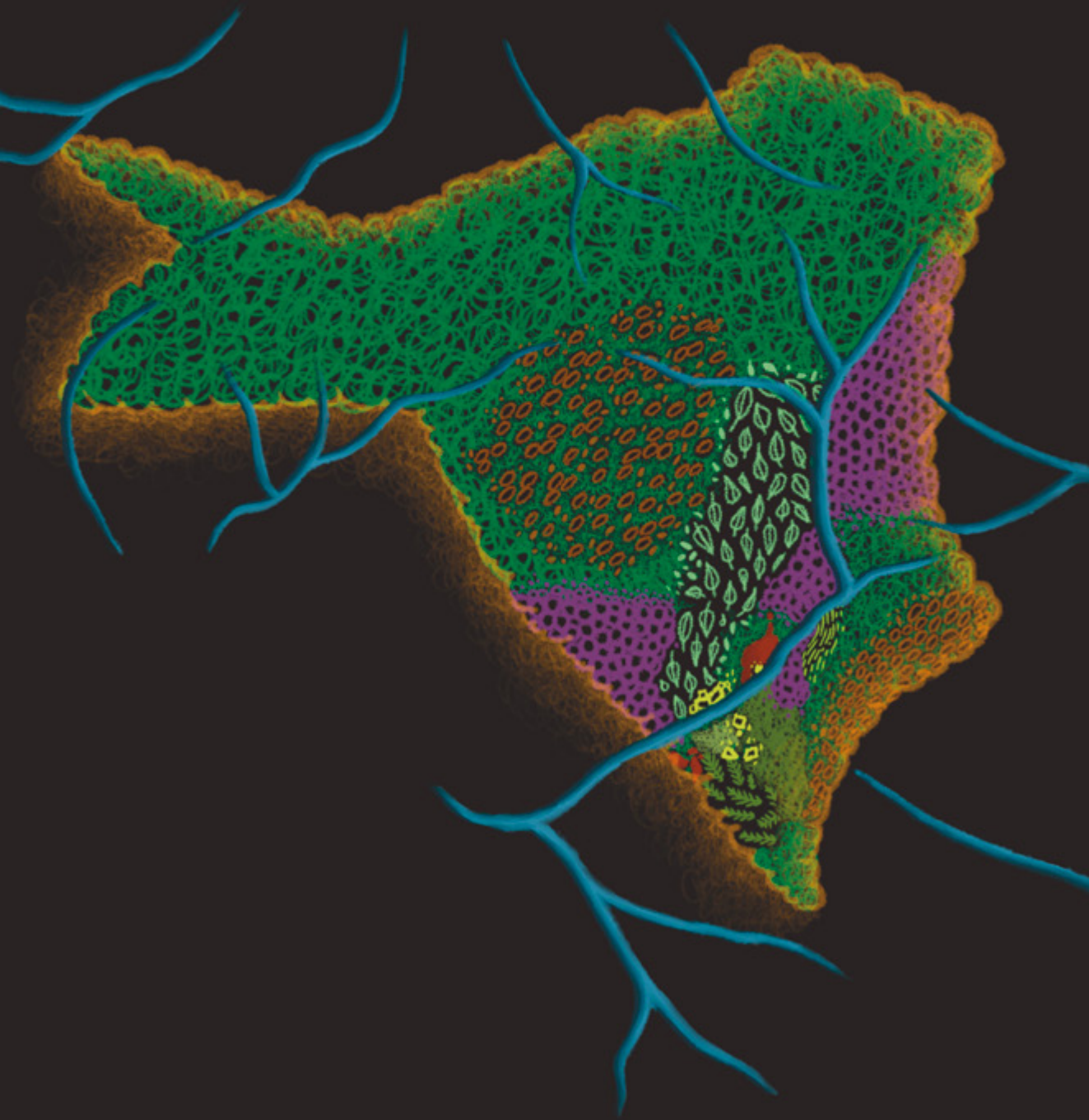
Limite da Área



Tekoa KA'AGUY PA'Û

Aldeia da Varzinha
Caraá/RS





Rios		Nhuundy		Nherumindy	
Limite da Área		Aguai		Ka'aguy Ete	
Kokue		Jejyty		Ka'aguy Karape	
Oká		Takuaty			
Poandy		Amambai			

A Aldeia da Varzinha foi homologada no ano de 2003 por causa de muita luta que alguns *xeramôï*¹ fizeram, muitos já nem estão mais entre nós. Essa área é conectada com a Aldeia do Campo Molhado. Só que já tem muitos anos que não usamos a trilha que vai para lá, e o mato já cresceu. Aqui também temos uma trilha, que vai até a região do Espreado, e liga a nossa aldeia até a cidade de Maquiné, onde estão as aldeias Som dos Pássaros e Mata Sagrada.

Antigamente bem mais famílias moravam aqui, inclusive, antigamente a entrada da aldeia mesmo era

¹ *xeramôï*: ancião guarani.

pela trilha do Espraiado. Hoje em dia usamos principalmente a entrada pelo município do Caraá. A gente usa essa entrada por causa do atendimento de saúde, temos o postinho ali. E também por causa da nossa escola, a **Escola Indígena Yakã Nhendu**, que está nesse município.

Como já tem bastante tempo que existe essa área demarcada, e muitas famílias já passaram por aqui também, dá para ver bem que algumas áreas que antigamente tinha roça agora já tem *ka'aguy yvy'i*, uma mata tipo capoeirão, que já tá crescendo bastante. Assim é o nosso mapa, ele não para de mudar sempre.

E também a gente tem feito bastante plantios de árvores nativas e de frutíferas tipo bergamota², laranja³. Para ter fruta para crianças. Mas também por causa do capim-braquiária⁴, que tem muito por aqui. Esse capim invade muito nossas plantações, não é bom pra nós e nem pra natureza.

2 bergamota: espécie de árvore não-nativa *Citrus reticulata*.

3 laranja: espécie de árvore não-nativa *Citrus sinensis*.

4 capim-braquiária: espécie de capim não-nativo e invasor *Urochloa* spp.

KA'AGUY ETE

No nosso *ka'aguy ete* tem quase tudo aqui, para artesanato tem dois tipos de taquara, a *takuarinha*⁵ e a *takuara-mambu*⁶. Tem também dois tipos de *aguai* aqui, do grande⁷ e do pequeno⁸, que as mulheres de outras aldeias vem buscar para fazer colares para o artesanato. E a gente costuma semear o *kapi'i'a*⁹, que é usado para os colares também. O *kapi'i'a* nasce sozinho também aqui na beira do rio. A madeira do *korupika'y*¹⁰ que a gente usa para fazer bichinhos de madeira, tem muito aqui também, por tudo. Remédio tem por todo o *ka'aguy*. O *jejy* e o *pindo* também, tem por tudo. **Tem um passarinho que avisa quando tem mel para tirar do mato.**

5 *takuarinha*: espécie de taquara nativa *Merostachys multiramea*.

6 *takuara-mambu*: espécie de taquara não-nativa *Bambusa* spp.

7 *aguai* grande: espécie de árvore nativa *Chrysophyllum gonocarpum*.

8 *aguai* pequeno: espécie de árvore nativa *Chrysophyllum marginatum*.

9 *kapi'i'a*: sementes da gramínea naturalizada *Coix lacryma-jobi*.

10 *korupika'y*: espécie de árvore nativa *Sapium glandulosum*.

A gente não caça mais muito hoje em dia, só de vez em quando algum tatu¹¹. Principalmente por causa dos *jurua*, que caçou muitos bichinhos, até aqui na nossa área eles caçavam. Até para vender. O quati¹² é uma carne sagrada para nós, chamamos *xo'o ete*¹³, o tatu não é muito sagrada. Antigamente aparecia mais veados¹⁴ por aqui, hoje em dia só vem o javali¹⁵. Lá em cima do morro eles fazem uma bagunça.

Aqui na aldeia a gente tem o costume de tirar feixes de samambaia¹⁶ para vender. Os *jurua* vem aqui na entrada da aldeia, de caminhão, e levam tudo. Com o passar dos anos ela tem diminuído, quando o mato cresce ela diminui. Antigamente tinha mais. Para nós é muito bom esse trabalho.

11 tatu: espécie de animal nativo *Dasyus* spp.

12 quati: espécie de animal nativo *Nasua nasua*.

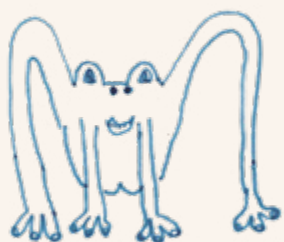
13 *xo'o ete*: carne verdadeira.

14 veado: animal nativo de diferentes espécies.

15 javali: espécie de animal não-nativo e invasor *Sus scrofa*.

16 samambaia-preta: espécie de samambaia nativa *Rumohra adiantiformis*.





Nas nossas roças a gente costuma plantar milho, feijão, mandioca. Mas a gente precisa de mais apoio dos governos para arrumar nossas estradas que estão muito estragadas.

Aqui na nossa aldeia tem cachoeira bem grande. O rio que corre mais a gente chama *yy'xiry*, que continua na cachoeira. Aqui tem várias nascentes também. A água que a gente cuida aqui acaba indo para muitas cidades onde vive o *jurua kuery*, são mais de cinco municípios, e ela vai até Porto Alegre, só que os *jurua* sujam quando passa por ele. A água que é produzida lá leva saúde para todos, *mbya* e *jurua kuery*, indígena e não-indígena. Uma vez até vieram oferecer para a gente receber dinheiro pela água. Eu sei que seria nosso direito. Mas a gente não quer ganhar dinheiro por causa disso.



Tekoa Ka'aguy Pa'ũ

Nomes em português: Terra Indígena Varzinha

Município: Caraá/RS

Área: 776,28 hectares

Ano de homologação: 2003

Situação fundiária: Terra Indígena regularizada



Rios



Caminhos

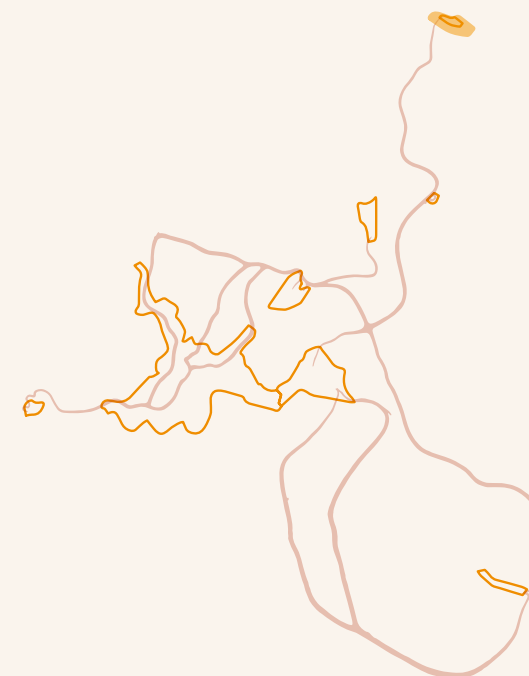


Limite da Área



Tekoa NHU PORÃ

Aldeia Campo Bonito
Torres/RS





Rios		Cemitério		Yupa	
Limite da Área		Capoeira		Nhuundy	
Escola		Kokue		Nherumindy	
Campo de Futebol		Jatay Ty		Ka'aguy'i	
Oká		Ka'aguy Karape			

A gente está aqui na Aldeia Campo Bonito já faz quase 20 anos, começamos em 2007. Aqui antes era uma fazenda, não tinha mata nativa, não tinha nada. Aqui tinha demais o eucalipto¹, e o pinus². E aí passarinho não aparecia também, porque ele sabe que não tem alimento para ele, não tem fruta, então não tem como se alimentar. Os passarinhos circulam mais onde tem alimento para eles. Onde tem mais goiaba³, abacate⁴, eles procuram o lugar onde tem. E onde tinha os eucaliptos, só eucalipto, o tatuzinho⁵ também não vai, não tem mato para

1 eucalipto: espécie de árvore não-nativa *Eucalyptus* spp.

2 pinus: espécie de árvore não-nativa e invasora *Pinus elliotii*.

3 goiaba: espécie de árvore frutífera naturalizada *Psidium guajava*.

4 abacate: espécie de árvore frutífera não-nativa *Persea americana*.

5 tatuzinho: espécie de animal nativo *Dasypus* spp.

ele. Não tem onde se esconder, fazer a toca dele. Ele nunca sai. Porque o bicho do mato procura onde tem mata. Ele consegue se alimentar.

Por isso que o nosso interesse aqui é plantar, é ter esperança de comer fruta. Quem traz a vida de volta é a planta, é alguma semente... Pro Guarani é preciso várias coisas da mata, alguns chás para a nossa medicina, algum material, porque o Guarani sempre fez artesanato com taquara, com semente, madeira, ou precisa encontrar algum cipó... mas é difícil conseguir. A gente precisa andar por aí e procurar nossos materiais em outros lugares da beira da estrada, procurar, até achar para fazer o artesanato. Então a gente sofre muito com isso. Os primeiros passos foram mais sofridos. **A gente sofre um pouco, mas agora já melhoraram várias coisas: plantio, casa, escola, a saúde.**

Agora tá ficando muito bonito. Eu tenho esperança de renovar isso, a mata nativa, a fruta, para a gente voltar a comer. As crianças vão adorar, algumas plantas do primeiro ano que a gente



começou na aldeia já têm fruta. A criança já está comendo algumas frutas, o *ingá*⁶, o *araxiku*⁷, elas já comeram aqui na aldeia, e já estão aprendendo qual que é de comer, qual que não é. A gente vai levando essas ideias para as crianças e a comunidade tá vendo que é importante para a gente quando vem a planta.

O trabalho não é só para as lideranças, é para toda comunidade, para todas pessoas, para todas crianças, para ficar essa história para a aldeia. E assim vai indo, vai levando a vida. Mantém a tradição, a fala, os costumes, a cultura, continua levando do nosso jeito. E isso nunca vai acabar: nossa religião, nossa fala, nossa alimentação estão todas ligadas, e não vai acabar. A gente continua levando e a família vai crescendo. Várias crianças já nasceram nessa aldeia. Assim a gente mantém a tradição e o costume...

A gente sempre tem o costume de comer a fruta do butiá, que chamamos *jata'i*⁸. É a fruta

6 *ingá*: espécie de árvore nativa *Inga* spp.

7 *araxiku*: araticum, espécie de árvore nativa *Annona* spp.

8 *jata'i*: butiá-da-praia, espécie de palmeira nativa *Butia catarinensis*.



mesmo que a gente come. E a sementinha do coquinho também. Butiá tem bastante aqui na nossa aldeia.

Aqui nós fizemos casa nova, alguns têm casa de material, mas não tem coisa que a gente usa mais que a lenha. Que na verdade a gente não gosta de fogão em casa assim... A gente não pretende ter isso em casa. A nossa cultura usa lenha mesmo, mesmo quando é verão, a gente faz fogo no chão, isso é importante para a gente. A gente cozinha, faz café da manhã, usa a lenha. E outra coisa, a gente precisa da mata para ter material pro artesanato, ou para algum chá, sempre usando para remédio. Esse é o mais difícil da gente conseguir, porque aqui quase não tem. Vários remédios foram perdidos aqui. Por isso a gente precisa muito apoio para ir para outras aldeias também. Porque foram plantados eucaliptos e pinus, e daí vai perdendo os lugares onde tem vários remédios, foi perdendo. E agora, graças a Deus, eu tenho esperança que nesse plantio que estamos fazendo, dentro da muda da mata nativa, venha remédio para a gente. Para a gente poder usar a casca, as folhas...

KOKUE

A questão do *kokue*⁹, no primeiro ano pode ocupar qualquer lugar. No segundo ano, aí tem que deixar parado e escolher outro lugar. Porque na verdade, antigamente, *avaxi ete'i* não era nunca plantado onde o trator passa. Ele não gosta de terra gradeada, lavrada. Antigamente o nosso milho tradicional nunca era plantado na lavoura, em linhas. Quando fazia roçada na capoeira, em alguma matinha, aí o *avaxi ete'i*¹⁰, ele produz bem, o nosso milho. E o *avaxi dos jurua*¹¹ é diferente, mas a gente não plantava antigamente, porque nós temos a própria semente, e a gente tem que fazer os próprios *kokue*. Primeiro ano pode usar aqui, o segundo tem que ser em outro lugar. Aí deixa repousar. É assim que o *kokue* funciona. Todos os anos no mesmo lugar não produz. Aí tem que deixar fazer mato, ficar parado. Por isso a gente precisa de terras grandes, porque temos muitas famílias para

9 *kokue*: roça guarani.

10 *avaxi ete'i*: milho tradicional guarani.

11 *avaxi jurua*: milho não-indígena.

alimentar aqui. E ainda, se a gente plantar *avaxi ete'i* junto do *avaxi dos jurua*¹², aí não pode, não pode plantar junto, perto do *avaxi ete'i* não pode plantar o *avaxi dos jurua*, que daí ele se mistura. Não sai mais *avaxi ete'i*. Ele cruza bastante. Por isso que o *avaxi dos jurua* tem que plantar meio longe, aí ele não cruza.

A verdade é que a nossa semente gosta de queimada, sabe. Gosta de queimada. Tem que roçar e queimar. Depois planta. Daí produz bem. Nossa cultura é assim, gosta de queimar a *kokue*, roçar e queimar. É nossa tradição mesmo. E agora, como os *jurua* não gostam muito de *tata*, do fogo, não gostam, e aí nós paramos de queimar também. **Eu acho que os *jurua* mexeram muito com a terra, por causa do arado.**

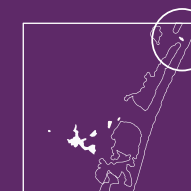
Mexeram muito. Porque a área queimada, a *kokue* queimada, a gente não mexe com a terra.

12 *jurua*: não-indígena.





Só planta e produz. Antigamente era assim. Hoje em dia a gente não tem como discutir com o *jurua kuery*. Tem que plantar do jeito dos *jurua*. Plantar na lavoura em linha. Por isso a gente precisa muito do apoio das prefeituras e dos governos para lavar nossas terras, porque hoje em dia tá assim. Isso que aconteceu, acontece em várias aldeias, algumas aldeias. Tem que entrar trator, lavar, gradear. Porque os *jurua* já mexeram muito com a terra.



Tekoa Nhu Porã

Nomes em português: Campo Bonito

Município: Torres/RS

Área: 97 hectares

Ano de aquisição: 2007

Situação fundiária: Reserva Indígena regularizada

(área adquirida pelo DNIT como indenização pelos impactos da duplicação da BR-101)



Rios



Caminhos

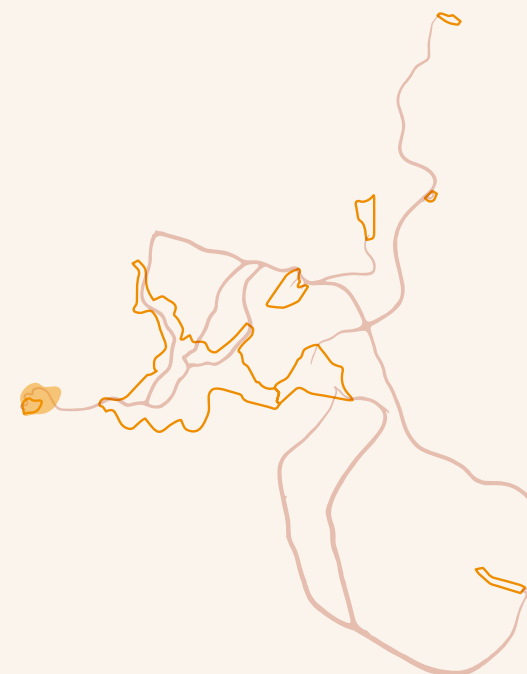


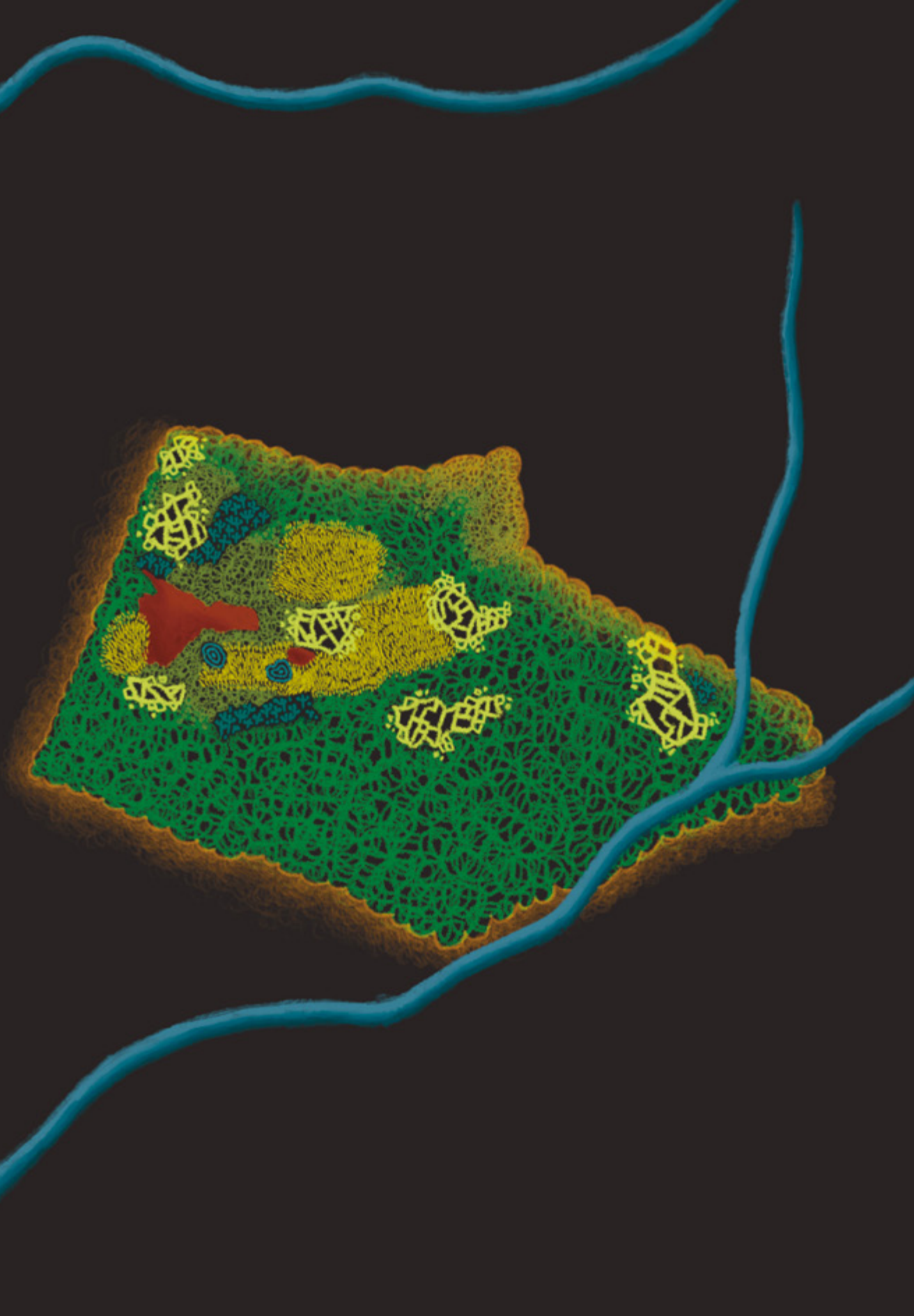
Limite da Área



Tekoa PINDOTY

Riozinho/RS





Rios		Ka'aguy	
Limite da Área		Yvyraty	
Yupa		Kurity	
Nhuundy		Kokue	
Oká			

A nossa aldeia aqui de Riozinho tem apenas 24 hectares, é uma terra que foi comprada na época da duplicação da BR-101. Estamos aqui agora em seis famílias. Antes essa área era uma fazenda, então não temos aqui muita mata. Mas depois de todos esses anos com Guarani aqui, a floresta vai voltando. A maior parte da nossa área é ocupada por essa mata nativa que voltou. Nós chamamos *ka'aguy ra'y*, como se fosse filho da mata mais velha, mas que ainda tá pequena.

A mata é muito importante para a cultura guarani, mas infelizmente os *jurua*¹ desmataram muito, e essa nossa mata aqui não é suficiente para a gente fazer tudo que precisa. Por exemplo, às vezes os *jurua* esperam que o indígena vai viver de caça, mas como vamos nos alimentar de caça nesse pouquinho de mata? Do mesmo jeito, não tem madeira suficiente para gente ficar tirando e

1 *jurua*: não-indígena.

construindo as nossas casas. Então é por isso que é muito importante a política do governo, o apoio de parceiros e projetos. Hoje é assim.

Além disso, a gente tem plantado muitas mudas de espécies importantes para os Guarani, árvores frutíferas e plantas medicinais também. Antigamente era possível encontrar tudo na mata, mas hoje tem que adaptar o sistema. Plantamos muita erva-mate² por exemplo, para, no futuro, conseguir produzir para ter e também para vender.

Nós temos também nossas roças. A gente consegue plantar espécies tradicionais que são importantes para nós, como o *avaxi ete*. Mas o espaço é muito pouco. É muito difícil de fazer do modo tradicional. Como a nossa área é pequena, não tem espaço para onde se mexer. A mata ainda é pequena, então não tem espaço para abrir novos roçados, que é nosso modo tradicional. Agora plantamos mais muitas mudas de nativas, e temos que esperar elas crescerem, temos que cuidar delas. Então precisamos do apoio da prefeitura para o preparo das áreas de roça.

2 erva-mate: espécie de árvore nativa *Ilex paraguariensis*.

CALENDÁRIO DE PLANTIO

O nosso calendário é diferente dos *jurua*, o nosso jeito de fazer plantio é diferente dos *jurua*, então a gente tem que ter um apoio diferente do Estado. Uma política diferenciada. Igual como algumas doenças de hoje em dia, só dá para curar com o remédio do *jurua*. Antigamente era muito diferente. Mas hoje as doenças estão diferentes. A gente precisa que a Sesai³ trabalhe mais ainda pela gente.

A gente precisa que os governantes de todas as áreas olhem para a gente como a gente é, diferente dos *jurua*. Precisamos que tenha mais educação diferenciada, saúde diferenciada, e essa parte da agricultura e do meio ambiente e da cultura também são diferenciados. E as pessoas que trabalham nesses lugares não podem ser qualquer *jurua*, tem que ser quem conhece e entende, respeita mesmo o povo Guarani. Elas precisam passar mais tempo junto com os indígenas, conversar para entender.

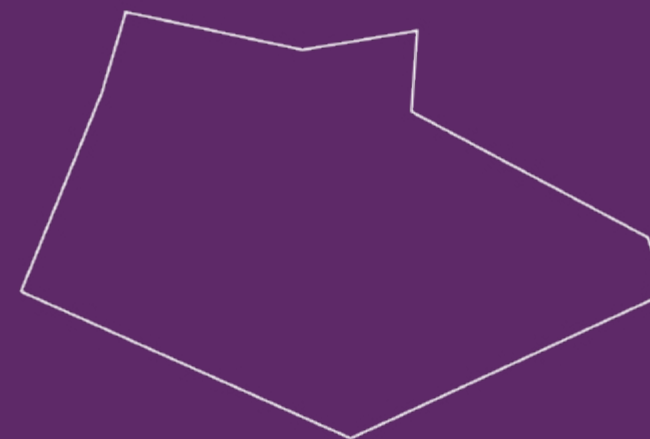
3 Sesai: Secretaria Especial de Saúde Indígena.





O calendário de plantio do Guarani é diferente do calendário dos *jurua*. Muitas vezes a área do plantio não fica pronta na época certa e isso deixa nosso trabalho tradicional mais difícil.

Sobre os mapas, é o que dizemos, nós Guarani mesmo não precisamos de mapas. Os *jurua* que precisam do mapa para se localizar. Com esse mapa que a gente fez agora, os *jurua* podem ver que tudo na nossa área tem importância, e que ao mesmo tempo ela é muito pequena, muito pouco para os Guarani viverem bem.



Tekoa Pindoty

Nomes em português: Km 50, Aldeia do Riozinho

Município: Riozinho/RS

Área: 24 hectares

Ano de aquisição: 2009

Situação fundiária: Reserva Indígena regularizada

(área adquirida emergencialmente pelo DNIT como indenização pelos impactos da duplicação da BR-101)



Rios



Caminhos

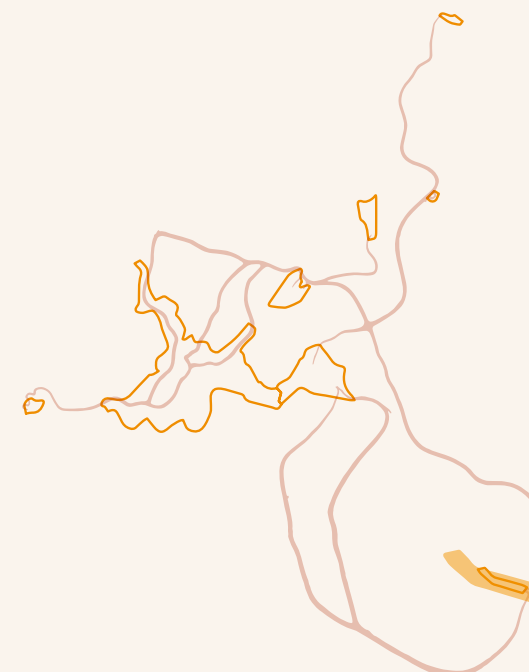


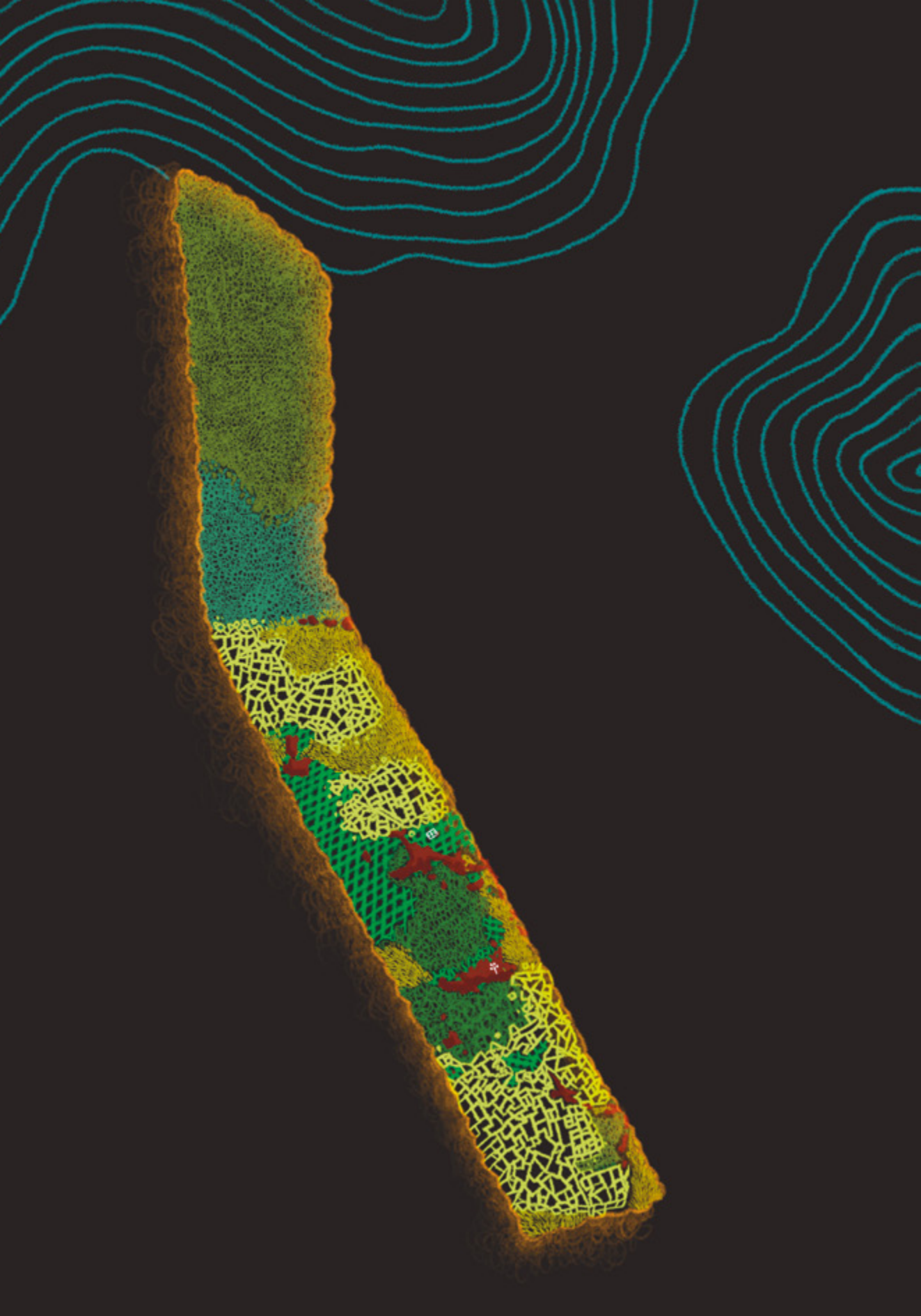
Limite da Área



Tekoa KUARAY RESÊ

Aldeia Sol Nascente
Osório/RS





Rios		Nhuundy		Ka'aguy	
Limite da Área		Lagoa		Ka'aguy Yyreia	
Kokue		Mba'emoty			
Escola		Oká			
Campo de Futebol		Nherumindy			

A gente sabe que nenhuma aldeia vai ter tudo que o Guarani precisa. Cada uma tem alguma coisa de mais valor para o *mbya reko*¹.

Aqui na nossa aldeia não temos muitas áreas de mata. Mas conseguimos pegar algum remédio. Tem algumas plantas que são para chás. Aqui tem umas coisas mais levezinhas, e então tem o Campo Molhado e a Varzinha e a *Guyra Nhendu*, onde recorremos a alguma medicação especial. Chazinho, isso tem aqui na aldeia. Mas mais para remédio mesmo, tem que buscar em outras aldeias. Tipo, xarope tem aqui. Mas alguma coisa mais forte, não tem.

A gente tem feito bastante trabalho de reflorestamento também. Inclusive, agora a gente tá estruturando melhor o nosso viveiro. Estamos querendo produzir as mudas de árvore. Para ter mesmo.

¹ *mbya reko*: modo de ser mbya guarani.



A nossa terra aqui onde plantamos é feita com bastante areia. Mas mesmo assim a gente consegue fazer umas roças boas. Principalmente a plantação de melancia. A melancia é o que mais vem bem aqui. Vêm muitos parentes de outras aldeias para buscar. Isso deixa a gente muito feliz.

Só que nos últimos anos, até mesmo a melancia a gente tá com dificuldade para plantar. Principalmente por causa dessas mudanças no clima, de muita seca e depois muita chuva. Perdemos muitas sementes tradicionais nossas. Sementes de melancias que estavam sendo guardadas há vários anos a gente perdeu quando alagou tudo aqui.

E o milho. O milho é a base de tudo. Milho para a gente é a base de tudo. Com o milho tu cria qualquer coisa, farinha, pode transformar em bolo, em pão, fica uma coisa que é o mais útil.

Mas nós não estamos tendo muito, por causa da caturrita² que come todas as espigas. Até a gente pensou em desistir de plantar milho, só que é ruim, né. Sem milho, não dá.

2 caturritas: espécie de ave nativa *Myiopsitta monachus*.



Tekoa Kuaray Rese

Nomes em português: Interlagos, Sol Nascente.

Município: Osório/RS

Área: 45 hectares

Ano de aquisição: 2007

Situação fundiária: Reserva Indígena regularizada

(área adquirida pelo DNIT como indenização pelos impactos da duplicação da BR-101)



Rios



Caminhos

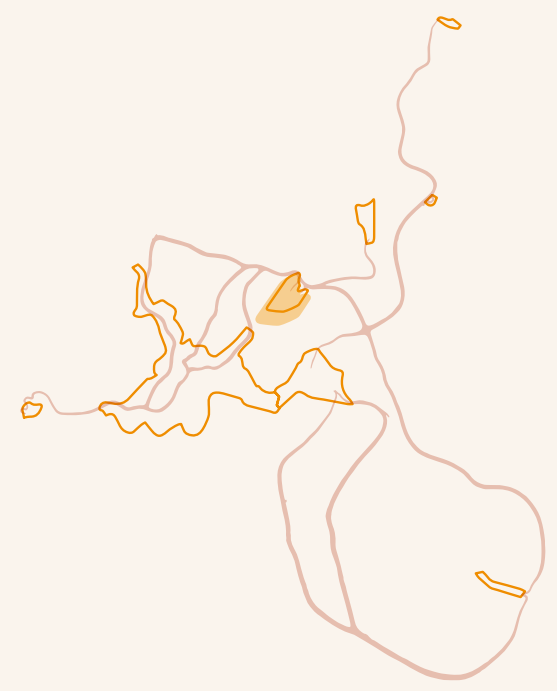


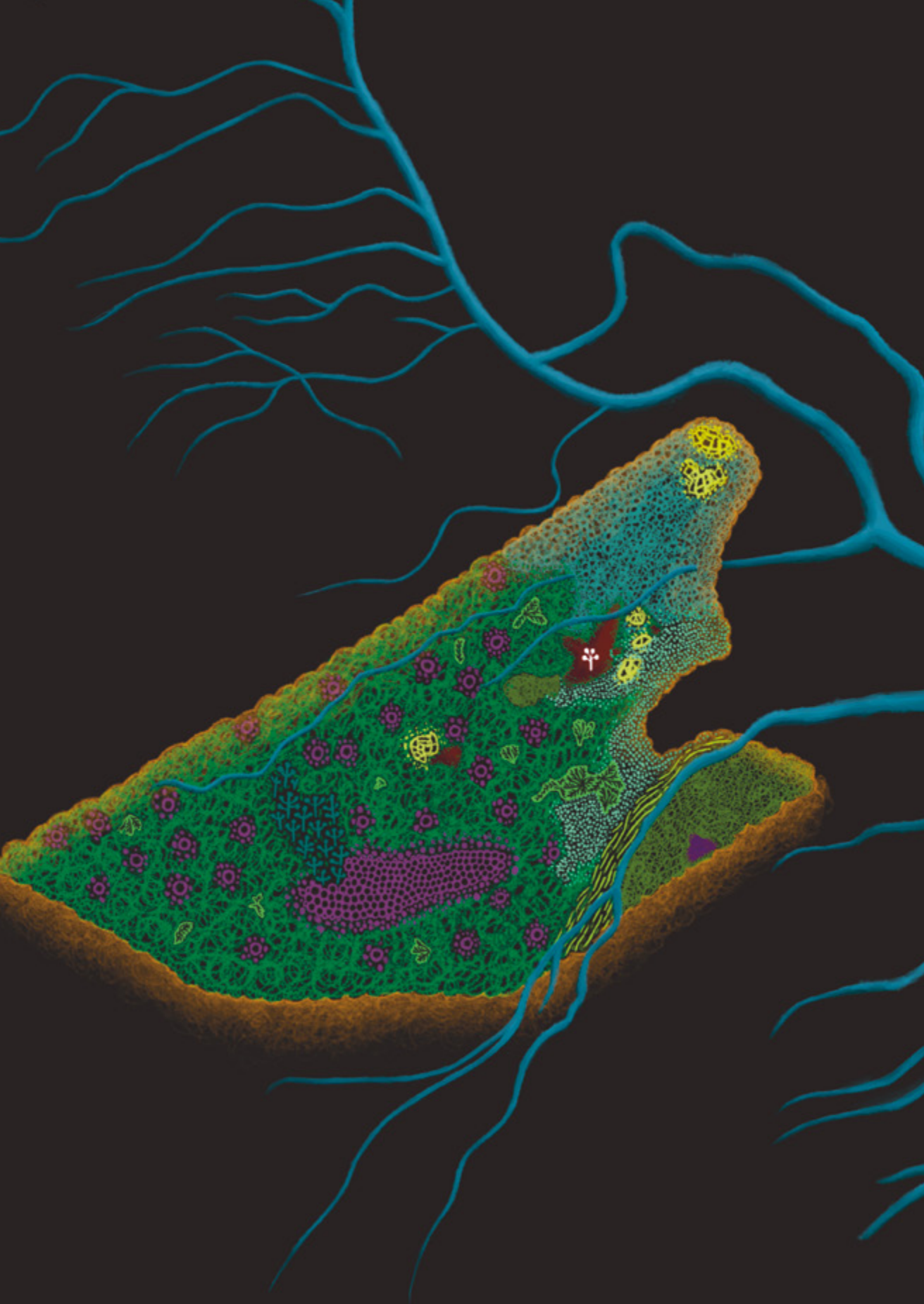
Limite da Área



Tekoa KA'AGUY PORÃ

Aldeia Mata Sagrada
Maquiné/RS





Rios		Kurity		Timbó	
Limite da Área		Takua Ovyty		Ka'aguy Karape	
Kokue		Pindo		Capoeirão	
Escola		Jejy		Ka'aguy Ete	
Oká		Ka'aguy Yyreia			

Aqui na Retomada de Maquiné, nosso *ka'aguy ete*¹ tem *puã*², *pindo*³ e *jejy*⁴ por tudo. É o lugar dos *yvyra ete*⁵, mas também tem *pakova*⁶ e mandarina⁷ por tudo. O *puã*, por exemplo, no nosso entendimento, a gente não planta. Não tem *kokue* do *puã*. Quando falamos que tem *ka'aguy ete*, é porque tem *puã* por tudo. Falar do *ka'aguy ete* é porque tem quase tudo. Aqui temos 80% de tudo que é *yvyra*⁸ para construção das casas tradicionais e da *opy'i*, *yvyra* que é para *puã*, e *yvyra*

1 *ka'aguy ete*: mata verdadeira.

2 *puã*: remédio tradicional.

3 *pindo*: coqueiro-jerivá, espécie de palmeira nativa *Syagrus rommanzoffiana*.

4 *jejy*: Palmeira-juçara, açaí-juçara, espécie de palmeira nativa *Euterpe edulis*.

5 *yvyra ete*: árvore nativa [nesse sentido].

6 *pakova*: banana, espécie não-nativa *Musa paradisiaca*.

7 *mandarina*: bergamota, espécie de árvore não-nativa *Citrus reticulata*.

8 *yvyra*: árvore.

para artesanato. Do *puã* a gente usa folha, casca e raiz. Do *yvyra* para artesanato a gente usa a semente, como o *aguaí*⁹ por exemplo. Aqui tem *aguai* por tudo. Então podemos dizer que aqui já é *ka'aguy etc.*

CAMINHOS

O *yakã*¹⁰ corre ao lado do *tape*¹¹ e faz ligação com o rio. O rio sempre tem água. O *yakã'i*¹² sempre tem água também, nunca seca. No *yakã* tem mais peixe para pescar do que no *yakã'i*. O *yaka'i* cai no *yyreia*, que é o lugar alagado assim tipo banhado. Aqui tem muitos riachos. Também tem valo, mas os valos são dos *jurua*. *Yy rape* é o caminho da água quando chove. São os caminhos que a água faz para encher o *yakã*.

Tape é o caminho principal aqui da aldeia. É diferente da trilha. As trilhas são os caminhos que fazemos dentro da mata. Aqui tem trilha pro *kokue*,

9 *aguaí*: espécie de árvore nativa *Chrysophyllum* spp.

10 *yakã*: rio.

11 *tape*: caminho, estrada.

12 *yakã'i*: tipo de riacho.

pro *yakã* e para *takuaty*¹³, e também para caminhar. A trilha não é o *tape*, a estrada é um *tape*.

Na verdade, o território do litoral norte começou com o povo Mbya. Sempre os caminhos mbya que vieram na frente. Na frente de todos. Por exemplo, essa estrada quem abriu foram os Mbya. Atrás dos Mbya já vieram os *jurua*¹⁴ cortando e abrindo picada. Os Mbya não precisam abrir picada. Eles só vão pela trilha.

Os *jurua* já são de outro jeito. Abre a picada e já pensa em vir com cavalo. Depois os *jurua* já querem vir com carroça, e já abrem mais a picada. Depois já vem com carro, caminhão. Mas só que esse *tape*, essa estrada, quem veio primeiro foram os Mbya.

Daqui temos trilha que faz ligação com o Campo Molhado. No tempo da autodemarcação do Campo Molhado o pessoal descia por aqui. Assim é a história que temos aqui.

O *takua ovy ty*¹⁵ fica ao lado do rio, perto do *tape*. De lá tiramos material para fazer artesanato e também para a construção de casas.

13 *takuaty*: local com bastante taquaras.

14 *jurua*: não-indígenas.

15 *Takua ovy ty*: espécie *Bambusa* spp.



Yva'a ty é a nossa agrofloresta. É o mato quando é plantado. Na frente da agrofloresta é onde as crianças jogam futebol sempre. Futuramente queremos fazer aqui o nosso campo de futebol. *Mbaemo'ty* é quando o *yva'a ty* é misturado com milho, melancia. Tem *pakova*¹⁶ plantado junto também.

As nossas *kokue* ficam junto das casas. Tem também as *kokue kue*, que não existem mais. A *kokue* muda de lugar para deixar a terra ficar mais forte. No lugar da *kokue* o mato vai crescer. Quem sabe vai virar um *ka'aguy karape*¹⁷. A nossa moradia é assim também. Nós mudamos e fazemos nova *kokue*.

*Kalipio ty*¹⁸ dá madeira para o *tata*¹⁹ e para as nossas casas também. Bem na entrada tem o *wi-fi*. É importante para os jovens. O *Teko jeapo*²⁰ é o centro da aldeia, é a nossa escola.

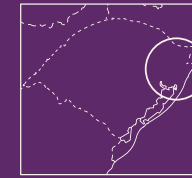
16 *pakova*: banana, espécie não-nativa *Musa paradisiaca*.

17 *ka'aguy karape*: uma mata baixa, recente.

18 *kalipio ty*: local onde há muito Eucalipto, *Eucalyptus* spp.

19 *tata*: fogo.

20 *Teko jeapo*: a prática do modo de ser guarani.



Tekoa Ka'aguy Porã

Nomes em português: Aldeia Mata Sagrada,
Retomada de Maquiné,
Teko Jeapo

Município: Maquiné/RS

Área: Aproximadamente 297 hectares

Ano de retomada: 2017

Situação fundiária: Reserva Indígena em processo de regularização



Rios



Caminhos

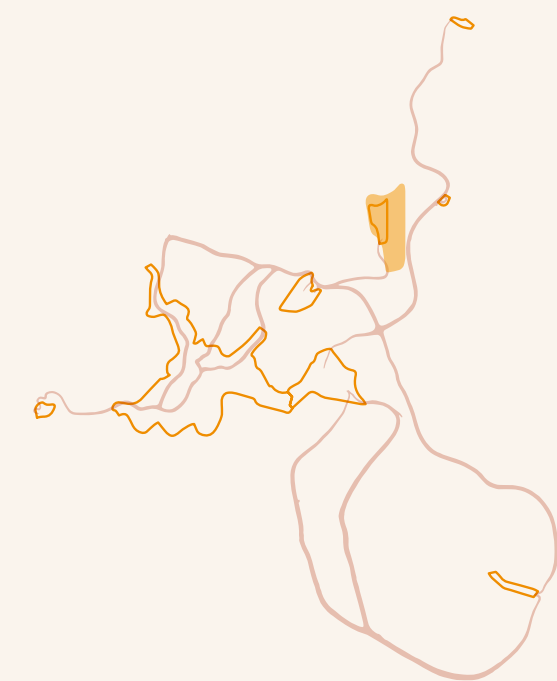


Limite da Área

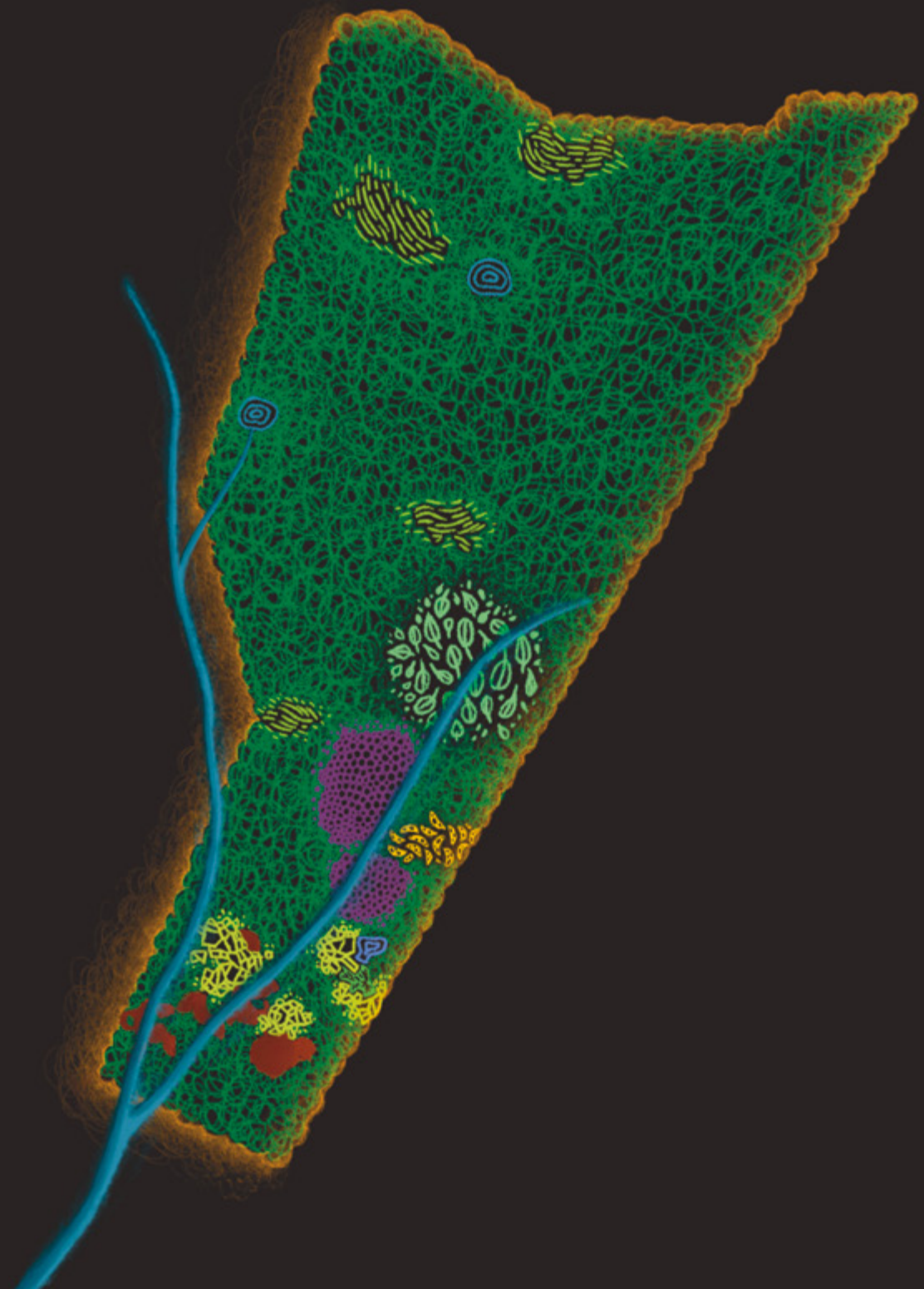


Tekoa GUYRA NHENDU

Aldeia Som dos Pássaros
Maquiné/RS



Rios		Jejty		Pakova	
Água		Poandy			
Limite da Área		Ka'aguy Ete			
Oká		Pindo			
Kokue		Takua			



Aqui no *Tekoa*¹ *Guyra Nhendu* a gente tem muitas coisas que precisa no modo de vida mbya. Tem remédio, aqui é *poandy*². Aqui todo o *ka'aguy*³ tem remédio para diversos tipos de doenças. Os parentes podem até levar para outras *tekoa*, podem levar semente e mudas também. Tem parente nosso que vem de vários lugares para buscar remédio que só tem aqui.

SEMENTE TRADICIONAL

Semente tradicional do *avaxi ete'i*⁴ sempre guardamos aqui. Sempre temos para compartilhar

-
- 1 *tekoa*: aldeia.
 - 2 *poandy*: local onde há várias medicinas tradicionais.
 - 3 *ka'aguy*: mata.
 - 4 *avaxi ete'i*: milho tradicional guarani.



com os parentes, aqui se planta só um pouquinho, então podemos compartilhar com quem tem mais espaço. Aqui no nosso *kokue*⁵, a gente planta principalmente o milho, mas também o feijão e a mandioca. Banana⁶ também a gente tá plantando.

Aqui também temos água boa, que é o principal, é a vida, não só para nós mbya como para todo o ser vivo.

O conhecimento mbya é sempre proteger a natureza, a mata, tudo. Por isso, quando fazemos a roça, fazemos como aqui. Ali tem roça, e daí já tem a mata, para lá já tem outra roça. Derruba só o espaço onde vai plantar cada coisa. Porque a gente sabe onde que vai vir melhor cada coisa, por isso que ali planta mais o milho, ali planta mais o aipim.

Ali nós não vamos derrubar, porque tem alguns pedaços na mata que tem algum remédio. *Mbya kuery*⁷ sabem quais árvores podem ser cortadas, qual a época que tem que cortar.

5 *kokue*: roça.

6 banana: espécie não-nativa *Musa paradisiaca*.

7 *mbya kuery*: coletivo de pessoas mbya.



O que falta ainda é espaço plano para poder fazer uma roça bem grande. Mas não podemos cortar a mata porque aqui tem coisa que outras *tekoa* não tem e aqui tem, então temos que preservar.

A gente tá fazendo plantação de mudas de frutíferas que nem laranja⁸, bergamota⁹, pêssego¹⁰ e cabeludinha¹¹ também. E também estamos plantando muitas árvores nativas que não tem aqui como o *jarakatia*¹², o *aguai*¹³, o *pipi guaxu*¹⁴, a erva-mate¹⁵ e várias outras de remédio e de fruta. No nosso *ka'aguy* tem *pakuri*¹⁶, que é uma fruta bem importante para nós. Quando for a época de frutas de novo os parentes vão poder vir aqui comer. E levar mudas também.

Aqui a gente tem *takua*¹⁷ para fazer artesanato. Temos material para fazer bichinho de madeira. Tem

8 laranja: espécie de árvore não-nativa *Citrus sinensis*.

9 bergamota: espécie de árvore não-nativa *Citrus reticulata*.

10 pêssego: espécie de árvore não-nativa *Prunus persica*.

11 cabeludinha: espécie de árvore não-nativa *Plinia glomerata*.

12 jarakatia: mamão-do-mato, espécie de árvore nativa *Jacaratia spinosa*.

13 *aguai*: aguai, espécie de árvore nativa *Chrisophyllum gonocarpum*.

14 *pipi guaxu*: jasmim-catavento, espécie de árvore nativa *Tabernaronthana catharinensis*.

15 erva-mate: espécie de árvore nativa *Ilex paraguariensis*.

16 *pakuri*: bacupari, espécie de árvore nativa *Garcinia gardneriana*.

17 *takua*: taquara.



*pindo*¹⁸ para fazer cobertura das casas. De bicho tem o tatu. E temos muitos pássaros também.

Com o apoio dos projetos nós conseguimos mudas de bananeira e outros tipos de mudas, agora já tá vindo mais passarinho.

18 *pindo*: coqueiro-jerivá, espécie de palmeira nativa *Syagrus romanzoffiana*.

Acordar com o barulho dos passarinhos já ajuda a gente a se fortalecer, se renovar. Cada vez mais vamos estar cuidando mais da natureza, das nascentes, dos remédios e do artesanato.

Hoje em dia a gente precisa de *pira pira*¹⁹. Muitas coisas a gente só consegue através do dinheiro dos *jurua*. Se a gente tivesse espaço, não precisaria dos *jurua*. Aqui por exemplo, eu não tenho espaço para fazer *kokue* grande, então eu planto *kokue* lá na aldeia de Torres. Lá não tem *ka'aguy ete* e não tem muitos *puã*²⁰, que aqui tem. Aqui, se não fossem os limites dos *jurua*, a gente poderia ter mais *kokue*. Aqui ao lado, a terra é boa e só tem capoeira. Eu poderia fazer *kokue* ali, sem precisar derrubar o mato, só na capoeira. Mas é dos *jurua*, então eu tenho que ir longe. Os *jurua* poderiam reconhecer isso. Se os *jurua* pensassem um pouco mais, poderiam respeitar o trabalho mbya. E viver bem também. Se a gente levar a erva-mate no mercado, os *jurua* não vão comprar, só porque foi feito dentro da aldeia.

19 *pira pira*: dinheiro.

20 *puã*: medicina tradicional.





FRUTAS NATIVAS

Tem muito *jejy*²¹, que é a palmeira-juçara ou açaí juçara, já estamos fazendo polpa das frutas, produzindo o açaí da juçara. Isso já faz parte da cultura mbya guarani. Antigamente já fazia suco no pilão, igual como o *guapytã*²². E era usado também no artesanato, na cobertura das casas com a folha. Com o palmito o pessoal se alimentava. Aqui tem muitas riquezas naturais. Os *jurua* quase acabaram com todos *jejy* na mata, para vender o palmito e a até a madeira. Antigamente eu me lembro que tinha muito mais. Agora já tem pouquinho. Mas mesmo assim a gente consegue se alimentar das frutas naturais.

Aqui no nosso *tekoa* o que tem principalmente é o *jejy*. Nós Mbya Guarani aqui do litoral, quando a gente morava lá na Aldeia do Campo Molhado, a gente se acostumou a subir na Araucária²³ para colher

21 *jejy*: Palmeira-juçara, açaí-juçara, espécie de palmeira nativa *Euterpe edulis*.

22 *guapytã*: frutos do coqueiro-jerivá, espécie de palmeira nativa *Syagrus romanzoffiana*.

23 araucária: espécie de árvore nativa *Araucaria angustifolia*.

o pinhão. Por isso que foi muito fácil para a gente se acostumar subir no *jeju* para colher os coquinhos.

Aqui a gente tem que subir nos *jeju* de 15, 20 metros de altura e buscar o cacho das frutas. Os nossos jovens também já aprenderam a subir. Graças ao apoio de vários parceiros, agora a gente tem uma casinha para fazer a polpa, a gente tem uma casa do açaí.

Aqui, no começo, quando começamos a trabalhar com a palmeira-juçara, com a polpa do açaí, nós trabalhávamos de forma diferente. Hoje tem que mudar para esse tema do trabalho dos *jurua*. Trabalhamos com máquina, equipamento. Tem que ter casa boa. A gente sofre com isso também. Tinha um pessoal querendo fazer a doação de máquina despolpadeira, mas é difícil também para ele levar para as comunidades. Para tudo precisa de *kuaxia*²⁴. Para isso também que os parceiros, a Associação é importante. Se não tivesse esse apoio dos projetos, a gente não conseguiria. Até se a gente mesmo fosse comprar os equipamentos, a gente não conseguiria,

24 *kuaxia*: papel, burocracia.



porque tem que fazer a documentação. A própria pessoa que vai comprar tem que ter CNPJ. Quando a gente faz um pequeno projeto para comprar as coisas que a gente precisa para dentro da *tekoa*, às vezes a gente não consegue pegar *pira pira*. Tem que fazer toda a burocracia. Através de algum *jurua* que olha para nossa realidade e para nossa necessidade, e daí conseguimos algum apoio.

Com apoio da SEMA²⁵, a gente conseguiu ter uma área certificada para fazer o manejo da agrofloresta. Isso foi muito importante, principalmente porque a gente ainda está numa área que não é demarcada, então agora os vizinhos também não vão poder falar do trabalho que a gente faz aqui.

As meninas estão fazendo *mbojape*²⁶ com a polpa de açaí juçara que a gente faz aqui. Para nós é muito bom isso. Uma vez também colocaram no arroz. Fica bom. Não coloco açúcar cristal. Fazer o suco com banana que é bom, e também gurizada faz suco com melancia. Com limão também, e com mel.

25 SEMA: Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Estado do Rio Grande do Sul.

26 *mbojape*: tipo de pão guarani.







Aqui no caso mais é que queremos pedir apoio, que os *jurua* reconheçam mais o trabalho dos Mbya, que a polpa é uma vitamina, sem veneno, a gente trabalha bem, cuida bem, faz caprichado. A gente quer mesmo esse apoio para comercializar mesmo, vai aumentando os fregueses.



Tekoa Guyra Nhendu

Nomes em português: Som dos Pássaros,
Aldeia da Solidão

Município: Maquiné/RS

Área: Aproximadamente 36 hectares

Ano de cessão: 2018

Situação fundiária: Reserva Indígena em processo de
regularização
(área cedida por privados)



Rios



Caminhos

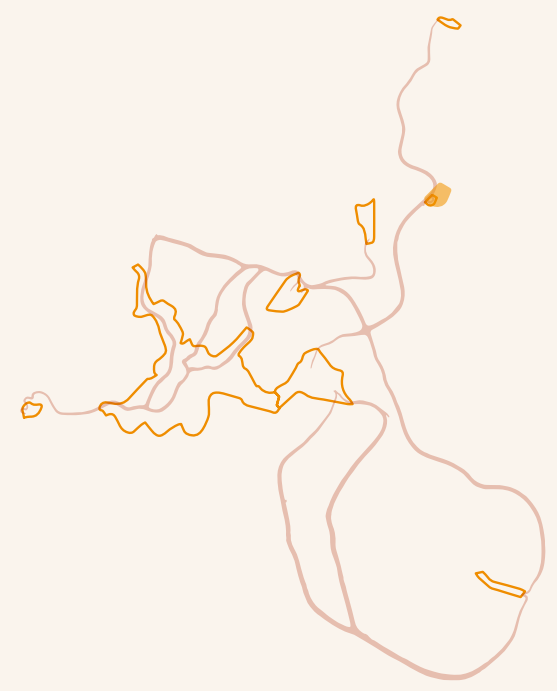


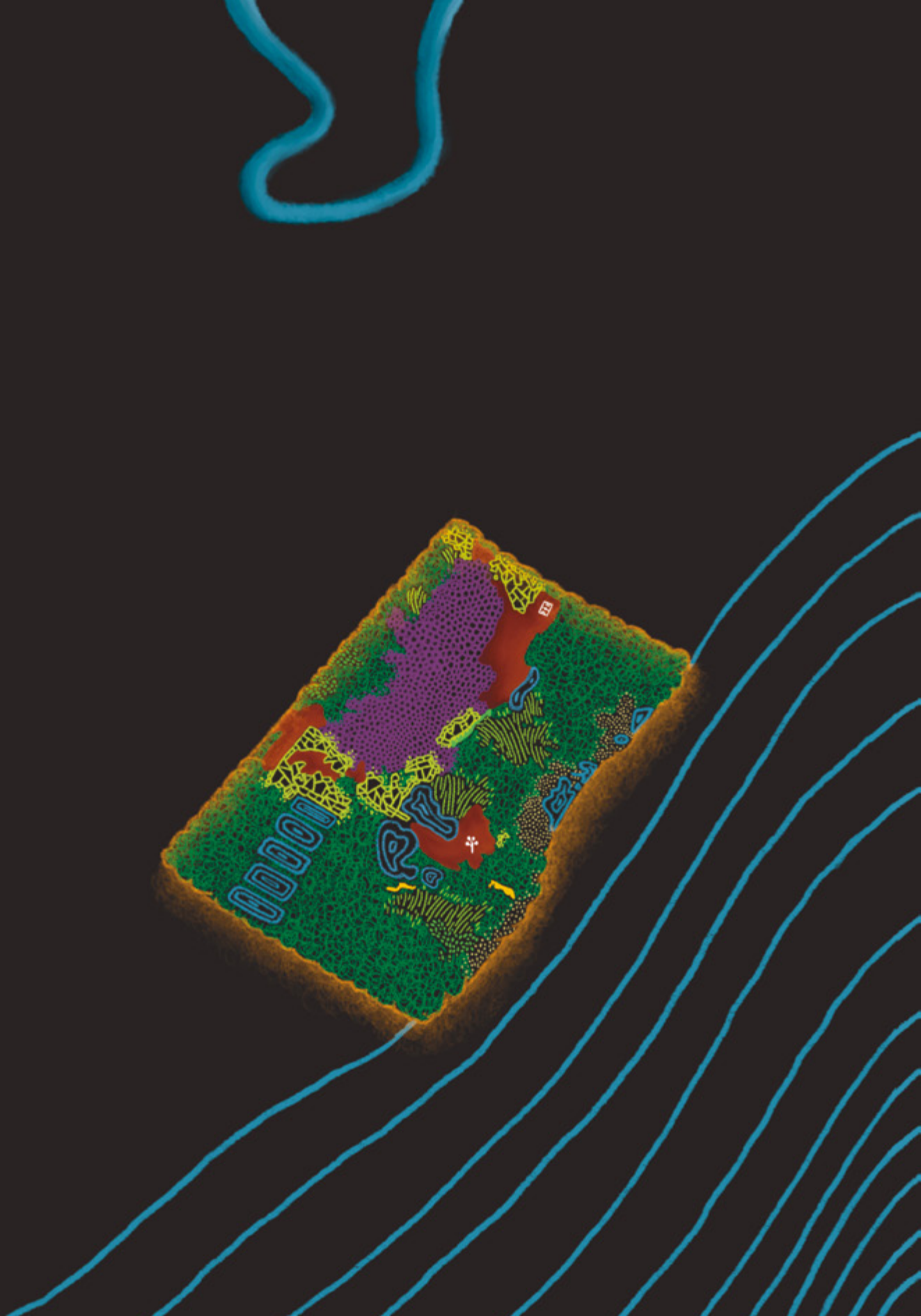
Limite da Área



Tekoa YY RUPA

Terra de Areia/RS





Rios		Pindo		Pakova	
Limite da Área		Ojaua Haty		Ka'aguy	
Escola		Oká		Pipi Guaxu	
Campo de Futebol		Kokue		Takua	
Lagoa		Jejyty		Ygua	

Aqui no nosso *ka'aguy*¹ não temos muitas *yvyra*². Mas quando a gente precisa de algo, procuramos e achamos, temos só bem pouco remédio no nosso *ka'aguy*. Por exemplo o *pipi guaxu*³, só tem aqui na casa de uma mulher. Quando precisamos fazer esse chá, procuramos ela. *Yvyra rapoju*⁴ também, conseguimos encontrar somente um pé. *Yvaro*⁵ também, temos só um pé perto da casa do cacique. Temos alguns dos remédios, mas temos só um pé de cada. Também, quando precisamos ir caçar ou pescar no *ka'aguy* que fica fora da *tekoa*, acessamos o *ka'aguy* pelo campo.

1 *ka'aguy*: mata.

2 *yvyra*: árvore.

3 *pipi guaxu*: jasmim-catavento, espécie de árvore nativa *Tabernaemontana catharinensis*.

4 *Yvyra rapoju*: espinheira-santa, espécie de árvore nativa *Maytenus ilicifolia*.

5 *Yvaro*: pessegueiro-do-mato, espécie de árvore nativa *Prunus myrtifolia*.

Mas temos problemas com os *jurua* vizinhos que não gostam de nós.

Tudo o que a gente pega do *ka'aguy* ou de caça a gente pede permissão. Quando é permitido a gente sempre consegue. Por exemplo, aqui tem 10 ha, se pedirmos permissão para caçar amanhã, *Nhanderu*⁶ nos ajuda na caçada, mesmo sendo pequeno os 10 ha, eu vou conseguir caçar, porque *Nhanderu* tá me ajudando. Se a gente não pedir a permissão, pode ter mais de 300 ha, mas eu não vou conseguir caçar nada, porque cada coisa tem seu dono. O dono do *ka'aguy*, o dono do *jejy*⁷, o dono do mar e dos bichos também. Os mais antigos ensinavam que tem que respeitar a natureza. Sempre falavam que quando pegava alguma coisa tipo uma fruta ou uma caça tinha que fazer a fumaça para limpar ela, se não podia até passar mal.

Cada *tekoa* tem seu modo de usar o *jejy*. A nossa ideia é semear mais *jejy* na *tekoa*. Na *Tekoa Guyra Nhendu*, por exemplo, o pessoal tá fazendo polpa do *jejy*, o açaí da juçara. Com certeza eles pediram permissão. Assim funciona com o Mbya. Aqui temos

6 *Nhanderu*: Deus.

7 *jejy*: palmeira-juçara, espécie de palmeira nativa *Euterpe edulis*.



bastante *jejy* também, mas ainda não colhemos a fruta do *jejy* para fazer o suco.

O *takua*⁸ que temos aqui é o *takua ovy*⁹. Usamos para fazer artesanato. Também usamos para fazer arco e flecha. E para fazer o telhado das casas também.

A *opy'i*¹⁰ e a casa do cacique são casas tradicionais, com telhado de *takua*. O *takua ete'i*¹¹ não temos aqui.

No nosso *kokue*, a gente planta *xanjáu*¹², *jety*¹³, *mandi'o*¹⁴ e *avaxi*¹⁵. Geralmente nós trocamos as sementes do milho com os parentes. Aqui é meio difícil de fazer os *kokue*, por causa das ferramentas, a gente tá precisando de ajuda com isso. Pedimos ajuda para o município para eles prepararem as *kokue* para poder

8 *takua*: taquara.

9 *takua ovy*: espécie de taquara *Bambusa* spp.

10 *opy'i*: casa de reza guarani.

11 *takua ete'i*: taquara nativa *Merostachys multiramea*.

12 *xanjáu*: melancia, espécie *Citrullus lanatus*.

13 *jety*: batata-doce, espécie *Ipomoea batatas*.

14 *mandi'o*: mandioca, espécie *Manihot esculenta*.

15 *avaxi*: milho, espécie *Zea mais*.

plantar. Pedimos sementes para as *tekoa* que sabemos que tem a semente para também podermos plantar as nossas *kokue*. Aqui não temos as nossas próprias sementes. O que mais temos aqui é milho, melancia e aipim. Sementes de *komanda*¹⁶ e *manduvi*¹⁷ que nós ainda não temos, mas sabemos que outras aldeias próximas têm essas sementes.

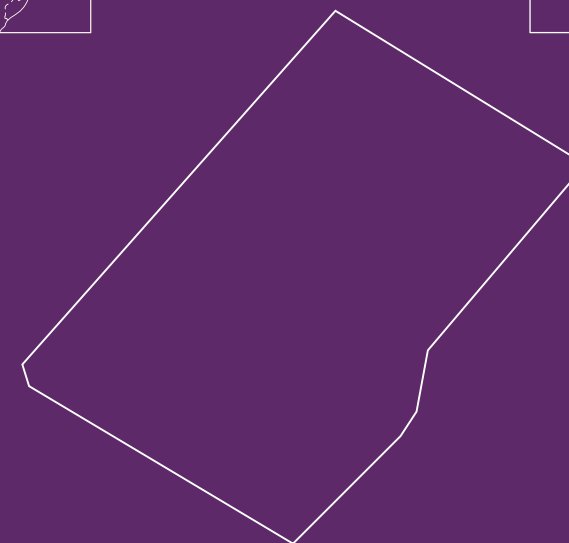
Quando chegamos aqui para fazer a retomada, nós já chegamos com as sementes de milho para fazer a retomada. Um pouco de milho e um pouco de melancia. As ramas de aipim, que nós temos até hoje, nós conseguimos depois, mas conseguimos plantar com o que temos. Na hora de fazer as *kokue*, no primeiro ano, a gente recebeu um pouco de ajuda de maquinário na hora de preparar a *kokue*. Somente para lavrar a terra. Mas agora falta, ou vem fora de época. A gente planta sem usar nada de adubo.

Este livro não tem um final. O que termina é a folha. Os *kyringue*¹⁸ vão continuar.

16 *komanda*: feijão, espécie *Phaseolus vulgaris*.

17 *manduvi*: amendoim, espécie *Arachis hypogaea*.

18 *kyringue*: crianças e jovens.



Tekoa Yy Rupa

Nomes em português: Aldeia de Terra de Areia,
Retomada de Terra de Areia

Município: Terra de Areia/RS

Área: Aproximadamente 9 hectares

Ano de retomada: 2017

Situação fundiária: Reserva Indígena em processo de regularização



COMO ESTE LIVRO FOI FEITO

Este material foi produzido durante o ano de 2023 e 2024 nas aldeias indígenas do povo Mbya Guarani, localizadas na região do litoral norte do Rio Grande do Sul, pelas lideranças de cada comunidade em diálogo com uma equipe interdisciplinar da Aepim — Associação de Estudos e Projetos com Povos Indígenas e Minoritários.

No âmbito do Projeto Territórios Criativos, via RS Criativo, este material visa apresentar os trabalhos de economia criativa realizados pelos indígenas dessa região, sempre com meios naturais, sustentáveis e com fins de regeneração da natureza.

Os etnomapeamentos foram elaborados coletivamente através da interlocução entre os conhecimentos tradicionais e jurua. O Etnomapeamento se configura na construção coletiva de produtos cartográficos que ilustram locais importantes do território indígena, suas formas de uso tradicional, a distribuição espacial dos recursos naturais, a identificação de impactos ambientais e outras informações relevantes, salvaguardando o interesse, o olhar e a compreensão indígena. É um dos instrumentos importantes na construção e estabelecimento da gestão territorial

e ambiental em terras indígenas. Trata-se de um instrumento da PNGATI (Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas) e é uma representação dinâmica das áreas territoriais não caracterizando qualquer forma estática de habitação ou ocupação.

Os textos foram produzidos por meio da transcrição de entrevistas e diálogos realizados durante a elaboração dos etnomapeamentos e de outras atividades de projetos em andamento. A pedido das lideranças, a equipe técnica reuniu falas individuais obtidas em cada aldeia para a construção de uma apresentação por comunidade, representando assim uma enunciação coletiva. Os caciques e lideranças não só autorizaram o uso de suas palavras e imagens, como também participaram da construção e da finalização deste material.

SOBRE O PROCESSO VISUAL E LABORATÓRIO GRÁFICO

A convite da Aepim para direção de arte e edição deste livro, o selo Riacho propôs criar o projeto visual através de um pequeno laboratório gráfico no território, extremo sul da mata atlântica. Em março

de 2024, a equipe de arte se juntou em mutirão por duas semanas no Canto da Terra em Maquiné/RS.

A casa viveu como base para um laboratório vivo feito estúdio-escola, para desenhar, revisar e alinhar as escolhas visuais, base para partir e navegar os morros, matas e águas, visitando as *tekoa* que compõe o livro. A cada dia organizamos a visita a um território, seguindo os caminhos aqui desenhados em vermelho. Nas visitas, revisamos cores, traços, trilhas e palavras através de bonecos impressos, provas de tamanho, versões digitais, leituras de texto e espaço para perguntas.

A partir dessa base-oficina na mata, foi possível visitar as comunidades e elaborar em conjunto detalhes do desenho, dos mapeamentos e da edição no caminho do *kuaxa*. O outono chega com agradecer a todas as lideranças e a todo *mbya kuery* pela acolhida sempre generosa e alegre em cada aldeia.

Território é saúde. Arte e cultura enraízam e florescem onde seu modo de vida é vivível.

A realização deste laboratório gráfico é dedicada à memória de Merong Kamakã Mongoió e Nega, Maria de Fátima Muniz — amigas que se encantaram na luta pelas Retomadas em Minas Gerais e na Bahia, respectivamente, durante a feitura deste livro.

SOBRE A AEPIM

A Aepim foi criada em 2009 e caminha em parceria com povos indígenas, comunidades quilombolas, pescadores e agricultores familiares. De forma horizontal, multidisciplinar e intercultural, a Aepim vem realizando ações que acompanhem as insurgências sociais e as demandas locais. Tem como princípios éticos o protagonismo e a autonomia dos grupos junto aos quais atuam seus associados e associadas, e se coloca como instrumento das comunidades, de forma a atuar na construção de espaços apropriados à participação comunitária simétrica em arenas públicas, bem como atuar em projetos de caráter cultural e socioambiental.

A Aepim caminha com o Povo Guarani.

realização



edição



Autores e oradores guarani José Verá, Leonardo Acosta, Mario Lopes, Felipe Brizoela, Sergio Gimenes, Helio Verá, André Benites, Tiago Karai, Leonardo Barbosa

Organização geral Iana Scopel Van Nouhuys

Elaboração dos mapas Carina Richardt de Carvalho

Assessoria técnica Rodrigo Rasia Cossio, Guilherme Dal Sasso, Gabriel Collares Poester

Projeto gráfico e direção de arte Dani Eizirik

Ilustrações guarani Criadas coletivamente nas aldeias

Desenhos do território, capa e mapas ilustrados Lua

Fotos Acervo Aepim

Diagramação e tratamento de imagem Paulo Lange

Presidente e Vice-Presidente da Aepim Lucas da Rocha Ferreira e Catherine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Litoral Guarani: territórios e caminhos do povo Mbya Guarani no litoral norte do RS / escrito, ilustrado e editado coletivamente em oito aldeias. / oito aldeias, RS : Riacho, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-983086-0-5

1. Comunidades indígenas - Brasil
2. Território
3. Povos Indígenas (Guarani Mbya) - História

24-199250 / CDD-980.8165

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidades Indígenas Mbyá-Guarani : Rio Grande do Sul : Estado : História 980.8165

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

A produção e tiragem do projeto Território Criativo Indígena Mbya Guarani em Maquiné/RS foi realizada com recursos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por meio do Pró-cultura RS FAC - Fundo de Apoio à Cultura.



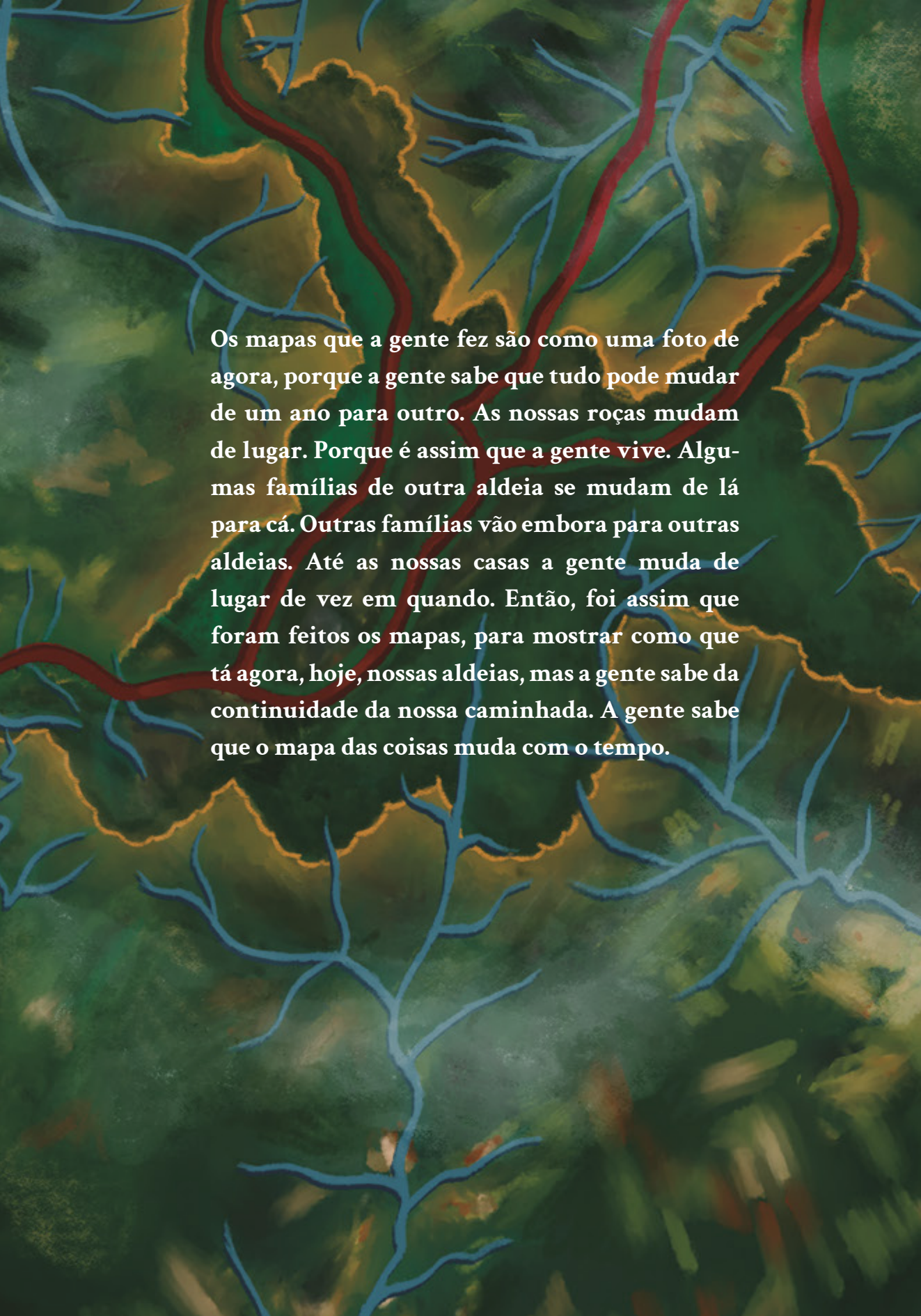


Impresso em setembro de 2024 na gráfica Ideograf, na cidade de Porto Alegre, em território mega-diverso ocupado há cerca de 200 anos pelo estado da República Federativa do Brasil.
Às florestas, terras indígenas e quilombolas,
somamos voz para exigir:
Demarcação Já!

Produção realizada com recursos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por meio do Pró-cultura RS FAC – Fundo de Apoio à Cultura

PRÓ
cultura

**GOVERNO DO ESTADO**
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

The background of the page is a textured, painterly map. It features a complex network of thin, branching blue lines that resemble a river system or a road network. Two thick, solid red lines are drawn across the map, following a path that winds through the blue network. The background colors are a mix of dark green, light green, and brownish-yellow, suggesting a natural landscape. The overall style is artistic and somewhat abstract.

Os mapas que a gente fez são como uma foto de agora, porque a gente sabe que tudo pode mudar de um ano para outro. As nossas roças mudam de lugar. Porque é assim que a gente vive. Algumas famílias de outra aldeia se mudam de lá para cá. Outras famílias vão embora para outras aldeias. Até as nossas casas a gente muda de lugar de vez em quando. Então, foi assim que foram feitos os mapas, para mostrar como que tá agora, hoje, nossas aldeias, mas a gente sabe da continuidade da nossa caminhada. A gente sabe que o mapa das coisas muda com o tempo.